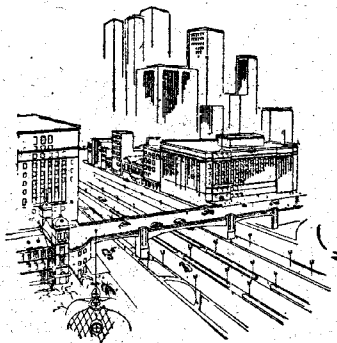
Os melhores livros sobre a Russia Sovietica e o Marxismo

URSS, UMA NOVA CIVILIZAÇÃO, de Sidney Webb, 2 vols. .... Cr$ 120,00
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO, por F. Engels, A. Talheimer, I. Harari e L. Segal .... Cr$ 30,00
MARX, ENGELS, MARXISMO, por Lénin Marx e Engels, 2 vols. cada um Cr$ 25,00
A DEFESA ACUSA..., por Marcel Willard .... Cr$ 25,00
NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Luiz Segal, 2 vols. cada um .... Cr$ 25,00
A QUESTÃO AGRARIA, de V. L. Lenin Cr$ 25,00
HISTORIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, de Max Beer, 2 vls. cada um .... Cr$ 25,00
PRINCIPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Lapidus e Ostrovitianov, 2 vls. cada um .... Cr$ 25,00
LENIN, SUA VIDA E SUA OBRA, de D. S. Mirski .... Cr$ 25,00
CARLOS MARX, SUA VIDA e SUA OBRA, de Max Beer (Como Apêndice, um resumo de O CAPITAL, feito por Lafargue) . . . . Cr$ 25,00
STALIN, de Emil Ludwig (Como Apêndice, A NOVA CONSTITUIÇÃO SOVIÉTICA . . . . Cr$ 25,00
TRÊS PRINCIPIOS DO POVO, de Sun Yat-Sen . . . . Cr$ 25,00
A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO, de F. Engels. (Como Apêndice, O CÓDIGO SOVIÉTICO DA FAMÍLIA) Cr$ 25,00
CAUSAS ECONOMICAS DA REVOLUÇÃO RUSSA, de M. N. Pokrowski Como Apêndice, PREÇO, SALARIO E LUCRO, de Marx .... Cr$ 25,00
PROTEÇÃO A MATERNIDADE E A INFANCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA, pela dra. Ester Conus .... Cr$ 25,00
A MEDICINA NA RÚSSIA SOVIÉTICA, pelo Dr. Lelio Zeno .... Cr$ 25,00
ENTRE DOIS MUNDOS, memórias de Anne Louise Strong .... Cr$30,00
RIO SELVAGEM, de Anna Louise Strong . . . . Cr$ 25,00
A RÚSSIA ESMAGARA' O JAPÃO, por Maurice Hindus .... Cr$ 20,00
O SEGREDO DA RESISTENCIA RUSSA, por Maurice Hindus .... Cr$ 25,00
SANTA RÚSSIA, por Maurice Hindus Cr$ 30,00
NA RUSSIA NÃO HA MISTÉRIOS, por Edmund Stevens .... Cr$ 30,00
O PODER SOVIÉTICO, pelo Deão de Canterbury .... Cr$ 25,00
O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RÚSSIA, pelo Deão de Canterbury. (Como Apêndice, A CONDIÇÃO DE TRABALHO, por Henry George) .... Cr$ 25,00
MISSÃO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies .... Cr$ 25,00
ASIA SOVIÉTICA, de R. A. Davies e A. J. Steiger .... Cr$ 25,00
A VERDADE SOBRE A RELIGIÃO NA RUSSIA, pelo Patriarca Sergio e outros Cr$ 25,00
O GENIO DA REVOLUÇÃO PROLETARIA, biografia de Lenine, organizada pelo Instituto M. E. L., de Moscou .... Cr$ 25,00

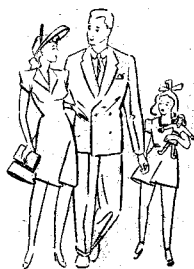
ANTI-DUHRING, por Frederico Engels Cr$ 30,00
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, por John Reed .... Cr$ 25,00
DEMOCRACIA DE HOJE E DE AMANHÃ, de Edward Benes .... Cr$ 25,00
A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna L. Strong .... Cr$ 25,00
TRECHOS ESCOLHIDOS. (Literatura e Arte), de Marx, Engels, Lenine e Stalin .... Cr$ 25,00
TRECHOS ESCOLHIDOS. (Economia, Filosofia e História), por Carlos Marx. 2 vls. Preço de cada volume .... Cr$ 25,00
MISSÃO EM TOQUIO, de Joseph C. Grew . . .. Cr$ 30,00
A CHINA LUTA PELA LIBERDADE, de Anna Louise Strong .... Cr$ 25,00
A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTÃOS SOCIAIS, de Lisandro de La Torre .... Cr$ 25,00
JUDEUS SEM DINHEIRO, de Michael Gold . . . . Cr$ 25,00
EU FUI UM GUERRILHEIRO SÉRVIO, de Paul Sebescen .... Cr$ 25,00

EDIÇÕES POPULARES (COMPLETAS) JÁ PUBLICADAS

EDUCANDO PARA A MORTE, de Gregor Ziemer .... Cr$ 10,00
O PODER SOVIÉTICO, do Deão de Canterbury (320 pags.) .... Cr$ 10,00
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, de John Reed .... Cr$ 10,00
A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Louise Strong .... Cr$ 10,00
FUNDAMENTOS DO LENINISMO, de J. Stalin. No mesmo volume PROBLEMAS DO LENINISMO e MATERIALISMO DIALETICO e MATERIALISMO HISTORICO (320 pags.) .. Cr$ 10,00
O ABECEDARIO DA NOVA RUSSIA, de Iline (268 pags.) .... Cr$ 10,00
MANIFESTO COMUNISTA, de Marx-Engels. Com uma INTRODUÇÃO HISTORICA de Riaznov e varios apêndices que ajudam a interpretar esse famoso documento (304 pags.) .... Cr$ 10,00
PEQUENA HISTORIA DA REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE, do Prof. Leonidas de Rezende .... Cr$ 10,00
O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Deão de Canterbury. Como apêndice, um resumo da Historia do Partido Comunista (b) da URSS, feito por uma comissão do CC do PC da URSS, obra que todo militante deve ler (288 pags.) .... Cr$ 10,00
DUAS TATICAS, de V. I. Lenin. Como Introdução e Apêndice, diversos documentos que possibilitam melhor interpretação deste trabalho)272 págs.) Cr$ 10,00
STALIN — BIOGRAFIA DO INSTITUTO M.E.L. DE MOSCOU E OUTROS AUTORES.
QUE FAZER? — de V. I. Lenin.

PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL
6 VOLUMES DA EDIÇÃO POPULAR POR 50 CRUZEIROS
A ALMA DA QUINTA COLUNA É O INTEGRALISMO
EDITORIAL CALVINO LIMITADA
AVENIDA 28 DE SETEMBRO, 174 ——— RIO DE JANEIRO

EMILE ZOLA

O DINHEIRO

Tradução de BANDEIRA DUARTE
Ilustrações de OZON

EDIÇÕES ESTRELA VERMELHA

EDIÇÕES ESTRELA LIMITADA
Avenida Aparicio Borges, 207 - S. 1.003
RIO DE JANEIRO

Mate
PARA
Bêbê

ADMINISTRAÇÃO

Diretor
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Durval Alvarez Serra

Redator-Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDAÇÃO
Rua do Rosário, n.º 139, 1.º and. — Sala 4 — Tel.: 23-3159
Rio de Janeiro

ENDEREÇO
Caixa Postal 2013
Telegrama ELP
Rio de Janeiro

OFICINA
"Vida Turfista"
Rua Sacadura Cabral, 183
Rio de Janeiro

PREÇO
Cr$ 2,00
Número atrazado: Cr$ 3,00

A colaboração remetida sem solicitação não implica em qualquer compromisso de devolução de originais

A redação não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

Esta revista está devidamente registada no D.N.I.

ESFERA
EMPRESA DE LEITURA E PUBLICIDADE LIMITADA

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

SUMARIO

NUMERO 14 — MAIO - 1946

MARGUERITE AUDOUX

O ATELIER DE MARIA CLARA

Xilogravuras de RENEFER

Tradução de DIAS DA COSTA

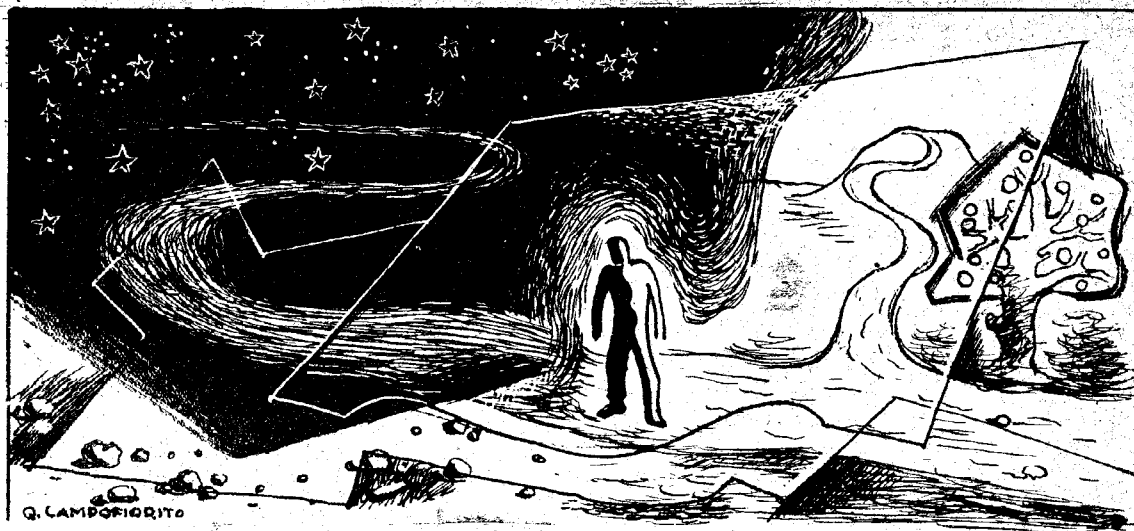
Na mesma coleção

MARIA CLARA - Marguerite Audoux

O Pai Perdiz - Charles-Louis Philippe

PEDIDOS PELO
REEMBOLSO POSTAL

AV. APARICIO BORGES
207, s. 1.003
Fone: 42-5071 — Rio de Janeiro

EDIÇÕES ESTRELA LIMITADA

VASIO

Vasio da vida ao fim da vida
nem siquer o vasio dos balões de fumaça
que vão estourar entre as estrêlas,
mas vasio que se encheu de outros vasios.

Solidão da vida ao fim da vida
nem siquer solidão do orgulho altivo
que amadurece a alma na montanha
mas solidão da incompreensão mesquinha.

Ao cair da noite esse desejo de retorno à fonte . . . . .
sem experiência, que a experiência seca,
pra refazer apenas algumas descobertas
que deixaram um raio de esperança póstuma.

Vasio de quem errou caminho
e percebe de repente que não chegará nunca,
mas não pode voltar, que as forças já lhe faltam
pra tentar novas aventuras.
Vasio da conciência do vasio.

SERGIO MILLIET

HOMENAGEM A HENRI BARBUSSE

PAUL LANGEVIN

A figura de Barbusse, uma das mais puras entre as que honram nosso tempo, não cessou de crescer no curso dos anos que nos separam o grande acontecimento que foi, em plena guerra, a publicação de "O Fogo". Não cessará de crescer à medida que se desenvolverão as consequências de sua ação, que se realizará sua visão profética do futuro. Vejo a melhor prova no carater profundamente emocionante das exéquias que lhe fizeram os povos de Paris e de Moscou.

Estreitamente ligados, um à outro, o pensamento e a ação de Barbusse surgiram da grande guerra e se desenvolveram de um só jacto com a potência e a continuidade de uma flama sob a ação do fogo interior que a grande catástrofe tinha acendido e que não cessou de arder durante vinte anos, em seu corpo sacrificado, em seus pulmões doentes, em sua alma repleta de imagens horrorosas e animada pela vontade de evitar a sua repetição.

A qualidade singular desta alma de artista e de construtor, dotada ao mesmo tempo do pensamento e da ação, permitiu a Barbusse, não deixar morrer em si, como tantos outros têm feito, as recordações e as indignações. Impediu que se detivesse depois de ter em "O Fogo" sabido mostrar primeiro e melhor do que ninguém, a verdadeira fisionomia da guerra expremindo o seu horror, dando não somente sua arte, mas sua vida inteira ao serviço do mais nobre ideal humano, e fez dele, antes como depois de sua morte, o guia inspirado de todos aqueles que querem, com uma fé ativa, preparar um futuro de justiça e de paz entre todos os homens.

Uma das caracteristicas mais significativas da obra de Barbusse é o alargamento sempre contínuo de seu pensamento e de sua ação. "O Fogo", antes de tudo é a obra do gênio que exprime a emoção causada em Barbusse pela guerra, propriamente. Dois anos depois, em "Claridade", se eleva às causas do mal e compreende a necessidade de uma ação pessoal por parte daqueles que viram claro e que compreenderam a verdade em que põe tôda sua confiança, assim como na força do pensamento humano.

Em sua carta dirigida aos intelectuais em 1921 Barbusse diz:

"A verdade é indelevel. Germina apesar de tudo e se projeta mesmo que tenha sido estreitamente enunciada: realiza a unidade mesmo através da desordem. Nesta confusão desesperadamente longa de gritos e meditações, a verdade acaba se organizando; a nitidês da evidência brilhou pouco a pouco; agrupamentos têm formado blocos; o conjunto começou a se reunir. As primeiras revoluções eram sobressaltos de sofrimento, de exasperação, cegas e selvagens, o mal pelo mal, golpes de talião perdidos. O pensamento veio ordenar e engrandecer os outros".

Disse ainda em seu romance "Claridade":

"Estou seguro dos princípios que vejo na origem de tudo: a justiça, a lógica, a igualdade, todas essas verdades divinamente humanas cujo contraste com a verdade atualmente realizada é dilacerante — e desejaria fazer apelo a todos, e esta certeza que me enche de uma alegria trágica, dar a todos ao mesmo tempo uma ordem e uma prece. Não existem muitas manieras de atingí-la através de tudo e de ligar a vida à verdade; não existe senão uma — a retidão. Recomeçar a regra pelo sublime controle do espírito. Sou um homem como os outrs, um hmem como todos Aqueles que me escutam, sacudindo a cabeça ou levantando os ombros, todos nós, porque permanecemos tão indiferentes uma vez que não o somos?

"Creio, apesar de tudo, na vitória da verdade. Creio na importância ainda intangivel desses poucos homens verdadeiramente fraternais que, em todos os paises do mundo, no vai e vem dos egoismos nacionais desencadeados, se levantam, fixos como as estátuas magníficas do direito e do dever. Agora, acredito, até à certeza, que a sociedade nova se edificará sôbre esse arquipélago de homens. Mesmo se devemos ainda sofrer sem melhores perspectivas, a idéia não pode mais deixar de construir e de se avolumar como o coração humano, e a vontade que se eleva já em redutos, não pode ser mais demolida".

"Anuncio o acontecimento fatal da República universal. Não são as reações passageiras, as trevas e os terrores, nem a trágica dificuldade de sublevar o mundo inteiro ao mesmo tempo, que impedirão de se realizar a verdade internacional. Mas se os grandes poderes da sombra se obstinam a permanecer em seu lugar, se aqueles que gritam claramente gritavam no deserto, ó povos, infatigáveis vencidos da infame História, apelo para a vossa justiça, para a vossa cólera. Sobre as vagas disputas que ensangrentam as greves, sobre as pilhagens dos naufrágios, sobre os despojos e os recifes, e os palácios e os monumentos fundados na areia, prevejo a vinda da maré alta. A verdade é revolucionária contra a desordem e contra o erro. A revolução é a ordem".

Barbusse se dirige primeiro àqueles que estão mais próximos, aos antigos combatentes com os quais funda a Associação republicana, depois aos escritores e artistas criando, desde 1919, o movimento de "Clarté" ao qual se esforça para dar um carater internacional por seções, não so-

mente nos diferentes meios e nas diversas províncias da França, mas em diversos paises estrangeiros. Procura convencer aos homens de pensamento o seu dever de ação. Desenvolve suas idéias e seus apelos no boletim hebdomadário "Clarté" que começa a aparecer em 1919 e se transforma em 1921 na revista do mesmo nome que dura até 1925 e na qual colaboram Anatole France e Albert Einstein, os melhores de nossos jovens escritores.

A experiência lhe mostra rapidamente a insuficiência de um movimento limitado unicamente aos meios intelectuais mal preparados para a ação e a necessidade de se apoiar sobre a força profunda do povo, dos povos. Um primeiro esforço nesse sentido é representado pela criação do periódico "Monde" que exerceu uma ação muito util num círculo cada vez mais amplo.

Depois, à medida que os perigos conjugados do fascismo e da guerra se tornaram mais ameaçadores, foi o primeiro a compreender a necessidade das grandes reuniões internacionais para despertar na humanidade inteira a clara conciência de sua situação e de sua responsabilidade.

Daí saiu o grande movimento mundial da luta contra a guerra e o fascismo com seus prolongamentos para o lado da juventude e do Agrupamento Mundial de Mulheres. E depois, a Frente Popular. Lembrarei que foi sob a iniciativa da Seção Francesa do movimento mundial, desta seção que se chama hoje Paz e Liberdade, que se decidiu o grande ajuntamento do 14 de julho de 1935, que foi para Barbusse uma sorte de apoteóse e a grande alegria que devia viver antes de morrer longe de nós.

Foi durante êsse desfile que o vi pela última vez. Estava de pé, a figura iluminada, sobre o této de um dos dois taxis que marchavam à frente do longo cortejo. Abrigava-se sob a bandeira vermelha, e à sua frente, eramos vários sob a bandeira tricolor que tínhamos reconquistado na mesma manhã a Buffalo prestando o sermão da Frente Popular.

Dessin de Frans Masereel

Depois disso, Barbusse foi a Moscou e lá terminou sua carreira e exalou os seus ultimos suspiros. Sentimos então que perdíamos o melhor entre nós. Assim, Barbusse prosseguiu, alem mesmo de suas forças e até o último momento, em sua perigrinação apaixonada que o conduzia através o mundo para desenvolver o movimento que nos leva hoje da Europa para a América onde o acolheu um admiravel elan de entusiasmo e de fé.

Barbusse começou a tarefa que hoje nos esforçamos em prosseguir.

Está sempre presente entre nós, presente por suas obras de escritor e artista, presente por sua sua grande obra de união das vontades humanas para vencer a guerra e instaurar o regime da justiça e da paz entre os homens.

Pendulos da Noit

Balançam... Balançam...
Balançam ao vento.
Balançam nas trevas,
em face da vida,
marcando no tempo
a hora terrivel
da justa expiação.

Que crime fizeram?

Balançam nas trevas,
contando os minutos
da hora implacavel
que vem para o algoz.
São chécos, são lusos
indianos e kurdos,
chinêses e armênios,
polacos e drusos,
judeus e francêses.
É o povo italiano,
é o povo indonésio;
é o povo da Grécia,
é o povo da Espanha,
é o povo do mundo
que luta e repele
a bóta de ferro
do novo opressor!

Que crime fizeram?

Rossine Camargo Guarnieri

Balançam nas traves:
são almas pendentes,
são almas erguidas
que pedem justiça
num surdo clamor!

Que crime fizeram?

Sonharam que a vida
mais bela e mais livre,
nascia dos mortos
que foram semeados
das pátrias no chão!...
Que crime! Que infamia!
Querer que seus filhos
crescessem libertos,
de peitos abertos
pró novo porvir!
Sonharam... Que crime!
Medonho castigo
prá ingênua ilusão...
Balançam... Balançam...
Balançam nas fôrcas,
servindo de exemplo
aos povos que almejam
lutar contra os ferros
da vil servidão!

Lutaram, sofreram,
unidos marcharam
e unidos venceram
o nazi poder.
E agora balançam
— fantasma da noite —
marcando o compasso
da fúnebre marcha
da nova opressão!...

Caminha! Caminha, relógio da Vida!
Caminha! Caminha, relógio da História!

Os pêndulos negros
são corpos humanos:
balançam nas fôrcas
dizendo que a Aurora
caminha veloz!
A Hora do Ajuste,
fatal, se avisinha,
(Não tarda! Vem certa!)
num vivo clarão!

Acorda! Desperta,
irmão proletário!
Vem junto do poeta
saudar a Alvorada
que nasce no Oriente
e marcha prá nós!"

Paulo Werneck

ADONAI

Em 1939, quando o fascismo tonitroante fazia estremecer o mundo, sucedeu esta coisa espantosa: um navio repleto de judeus expulsos da Alemanha fez-se ao mar em demanda de um pôrto livre e nenhum país quís abrigá-lo. Não fôsse o anormal da época e o fato teria merecido o maior destaque. Mas como o medo a Hitler era muito grande, e o Brasil iniciava sua róta pelo malfadado Estado Novo a Censura proibiu qualquer referência a respeito. Mas pelo menos dois escritores brasileiros aproveitaram o tema: Lia Correa Dutra, com "Navio sem pôrto" e Eliezer Burlá com "Adonai", êste último até agora inédito e que reproduzimos tal como foi escrito originalmente.

Eliezer Burlá

I

Coqueiros começaram a acenar, com as longas folhas verdes agitadas pelo vento. A praia foi se aproximando, tornou menos uniforme a espuma branca que se alongava numa grande extensão. A sineta de bordo repicou, e uma nuvem negra — como a baforada de um cachimbo — desprendeu-se da chaminé e empanou a coloração do céu. A tripulação, homens altos e corados, de cabelos louros — agitou-se, fez correr a âncora, hasteou a bandeira gamada. Viam-se pequenas embarcações abandonadas acompanhar o movimento das ondas, com a prôa amarrada a um tronco de árvore fincado na areia. Os emigrantes, alguns de binóculo, estudaram enervados a paisagem verdejante, desbravaram tôdos os recantos, procuraram penetrar a sombra que se estendia mais além. A fisionomia abatida revelava interêsse, curiosidade doentia, e não era em tôdos os olhos que o sol brilhava. Tinham sofrido tanto, passado por tantas humilhações, que custava acreditar na paisagem acolhedora, amiga, que sorria pacificamente do alto dos coqueiros. Um rapaz com menos de vinte anos abriu a caixa preta, retirou delicadamente um violino, ajeitou-o entre o ombro e o queixo, empurrou o arco e começou a tocar. Moços de cabelos grisalhos voltaram-se com ar de reprovação. A criança — sim, era um menino aquele que ainda ostentava os cabelos escuros e os olhos vivos — estava tocando u'a música alegre, uma canção de casamento, cheia de badalos, de risos, de bater de copos repletos de vinho. E êles não queriam pensar que se estava em festa, mesmo quando parecia que os padecimentos tinham terminado, mesmo quando havia a perspetiva alucinante da paz.

— Guarda o violino!

Mas apesar de tudo não entrava na cabeça do menino que não se devesse rir e cantar, gargalhar mesmo, diante da praiasinha fraterna, das palmeiras hospitaleiras. Baixou o arco e olhou em volta. Velhas mães de chale e capote negros fitavam opacamente a natureza, e dos olhos mortos até o queixo enrugado prolongavam-se sulcos profundos, rios imensos por onde tinham corrido lágrimas amargas e transbordantes. Recém-nascidos, magros e melancólicos, escorregavam no tombadilho, chupavam os cordâmes enferrujados e porcos. Foi então que o moço de cabelos pretos e olhos vivos compreendeu a ilusão da paisagem acolhedora, da paisagem-irmã, da paisagem-miragem. E centenas de cabeças brancas, apoiadas na amurada, erguiam uma barreira intransponivel, uma fronteira infranqueavel diante da sua pessoa. Levantou o violino, feriu as cordas com o arco, e sua mão tremeu levemente a cada nota liberta.

Em Lita, em Vilna, em Berlim, nas madrugadas frias de inverno, os devotos reuniam-se na sinagoga e entoavam hinos de perdão. Preparavam-se espiritualmente para o grande dia em que Êle decidiria quem deveria viver e quem morrer. Estaria no céu com o livro eterno aberto diante de seus olhos, a enorme barba branca roçando as nuvens mais altas, e decidindo da felicidade ou desgraça dos homens. O justo seria recompensado e o máu punido, os pecadores sofreriam tôda sorte de revezes, morreriam velhos os bons, aquêles que abriam a porta ao viandante faminto. Tôdas as janelas permaneciam fechadas, ardia o fogo na lareira, e pesados cobertores resguardavam as pernas dos religiosos. Mulheres idosas, recatadamente, baixavam os olhos, murmuravam rezas. Não se ouvia som algum do lado de fóra, a noite estendia-se protetora, facilitando o silêncio místico que evolava do templo. E o conjunto de vozes harmonizavam-se, formava-se uno e igual, e assemelhava a uma cascata cujas águas rolassem no mesmo volume. O arco alongava-se, encolhia-se, na mão trêmula do jovem. Sim, agora não duvidava: o que seus olhos absorviam eram uma miragem, a miragem enganadora da beleza sem cadeias, da poesia sem coação. Parecia-se às manhãs brumosas em que se orava a Deus, preparava-se para o terrivel dia do Juizo. O guarda de botas grosseiras, abafava os passos, sorria atrás dos bigodes cor-de-cerveja, acalentava-os como o trilar do seu apito paternal. Podia-se abrir sem mêdo o armário da Torá, beijar-lhe a capa de veludo bordado, ler-lhe os versículos sem sobressalto. E um dia... Seria possivel — homens — seria acreditável? As estrêlas brilharam da mesma maneira, e o mesmo céu continuou resguardando a gloriosa pátria alemã, e os mesmos lampeões não se pejaram de continuar acêsos, enquanto robots armados devastavam lares, desvirginavam inocentes, torturavam respeitaveis pais-de-familia. E já chorar não mais se podia, porque as lágrimas doíam mais que as chibatadas, a saliva queimava mais ainda do que os ferros abrazeados. Então a morte era recebida com alegria, entoavam-se litânias em seu louvor. Cadáveres mutilados, conspurcados, despedaçados, enchiam as célas, clamavam vingança na escuridão sombria. E longinquamente ouvia-se a música, não dos violinos, mas dos tambores conclamando a maldade.

O louro tísico tossiu. Seus lábios exângues tremiam e os que lhe estavam próximos podiam dis-

tinguir os termos de uma oração naufragada na tosse.

— *Schemá Yissrael...*

No campo de concentração haviam-lhe arrebentado os pulmões, arrancado os nervos; mas sua fé não conseguira ser enfraquecida, a religião sorrira-lhe dentro dos olhos mesmo no momento das mais horrorosas torturas, e era o único que ainda tivera forças, na cela fedorenta, de pronunciar palavras de louvor àquele que tudo sabia e tudo podia. O misticismo mantinha-lhe as faces acêsas, a testa febril - e agora, agora que - Êle se balançava nas folhas dos coqueiros, sua alma sentia-se reconhecida, sua fé recompensada -, por entre soluços da garganta rouca, as palavras fugiam, pousavam lá longe na praia quieta:

— *Schemá...*

De noite, as lâmpadas opacas que pendiam do této pareceram mais transparentes, mais luminosas. Estava bem escuro lá fóra, mas que importava? Sabia-se que a noite, nesta terra, não simbolizava o manto da morte mas a trégua da vida, o descanso da luz. O copeiro dolicocéfalo que contava não se sabe quantas gerações de sangue distilado, resmungava mais que nos outros dias. Não importa. Amanhã êles não o verão mais. Amanhã estarão longe, do outro lado do Atlântico, carregando enxadas, dirigindo tratores, amanhando a terra-mãe. Os meninos ficam acordados até tarde: deixá-los que a vida sorri nas dobras do mar. E os velhos, já calvos, assoam o nariz com fôrça, limpam os olhos brilhantes, e dizem um ao outro:

— E' isso... é isso...

O adolescente tóca violino no tombadilho. A noite é escura, o mar misterioso: chegou a hora da libertação. O arco acaricia as cordas ternamente, suavemente. Música. Música que parte do fundo, que transpira alegria, que impõe camaradagem. O navio ondula.

"Quantas cousas há a contar, ó, amada desconhecida! Quantas palavras de amor, jamais proferidas, quisera sussurrar aos teus ouvidos amantes, ao teu coração mais meu do que teu! E olha como a noite é linda. Repara a beleza das estrêlas cadentes, da areia reluzente, da praia em sombras. O mundo é nosso. Deixa que eu seque as lágrimas dos teus olhos, deixa-me apagar a tua amargura com esta canção de amor. Ela te é dedicada, ó, adorada minha! — ela te pertence da primeira à última nota e forma as letras do teu nome virgem. Que importa que os brutos tenham manchado o teu corpo de púdicas linhas, que importa que em teus lábios tenham se comprimido outros lábios impuros — se a tua alma é inocente como a asa do pombinho amoroso, se tua mente paira acima das fraquesas humanas? Amada, ouve: eu te dedico esta música, estas cordas, o violino, o arco. Êles são teus, adorada, êles te pertencem porque me pertencem. Vem, encosta tua cabeça no meu ombro, no ombro direito, fecha os olhos, abandona as mãos sôbre a amurada e presta atenção. Havia bosques na aldeia em que nascemos, bosques com passarinhos nas árvores e formigas na erva. O sol descansava nas folhas, dansava no tronco, beijava-te a nuca. Passaste os dedos no arbusto verdejante e o orvalho tremeu de emoção; tocaste os meus cabêlos revoltos e sentiste-os amaciar ao teu contáto. E nós não nos conhecíamos, amada, nunca nos víramos — mas teus olhos e meus olhos, que milagre! Tomei o violino e escrevi nas c o r d a s: "Amor"; tu sorriste. E eis que muitos homens invadiram o bosque, cobiçaram tua purêsa, invejaram minha felicidade e separaram-nos. Gritaste — que dizias? Não sei, porque eu gritava mais alto ainda. Agora, deixa que sonhe um pouco sentindo o pêso da tua cabeça no meu ombro. O navio balança, o mar boceja; ignorêmo-los, que a noite é infinita".

II

"A Câmara aprovou unanimemente o projéto que véda a entrada dos judeus em território nacional. Considerando as condições de vida atual e os embaraços que os mesmos podem trazer à vida econômico-política do país, dá-se o prazo de 48 horas para que o navio alemão, aí ancorado, volte ao seu ponto de origem".

Este comunicado foi lido alto pelo comissário de bordo. Era de manhãsinha e tomava-se chá. E de-repente, à medida que as palavras eram proferidas, o sol foi empalidecendo, o múrmurio do mar afogou-se nas gargantas entumecidas e um silêncio bem grande foi enchendo o coração dos homens.

III

48 horas são a soma de uma, mais uma, mais uma — quarenta e oito vezes. Os ponteiros descem no mapa dos números: um, dois, três... Os movimentos se aceleram, os pensamentos voam, as almas preparam-se a emigrar. Percorre-se face por face e vão se descobrindo horizontes os mais diversos. Os meninos que engatinham já não choram quando se arranham nos prêgos, as velhas deixam de vislumbrar a praia materna dos coqueiros. Paz. Que espécie de paz? Paz, sòmente, duas consoantes e uma vogal. As mãos tremem um pouco, as veias se dilatam, gargarejos estranhos cantam nos corpos. Anda-se de leve, com medo de machucar o assoalho, pede-se desculpas aos bancos nos quais se senta. Fala-se baixo, cariciosamente, delicadamente. Oferecem-se cigarros.

Sabe? O cigarro é feito de fumo embrulhado em papel fino; traga-se e sai fumaça. Genial. Navios se fabricam em estaleiros, vai-se juntando peça sobre peça, homenzinhos montam em andaimes, latas de tinta empapam pincéis. Há muita cousa sublime no mundo, divertimentos excitantes, teatros com artistas contando anedótas. Anedótas são histórias que fazem rir. Rir é distender os músculos da face, de faces coradas, gordas, sanguíneas. Lembra-se daquele nazista alemão que gostava de dar ponta-pés no ventre? Era gordo, forte, cheio de saúde. Bons rapazes, os nazistas germanos, muito bons mesmo; vão nos mandar agora viver com êles. E levar bofetões, apanhar cacetadas, engulir venenos. Viagem gratis de ida e volta. Vamos para lá, agora, ouví-los cantar estupidamente hinos pornográficos, hinos ditos nacionalistas. Muito bonita a Alemanha, tão engraçadinha nos cachinhos louros dos seus edifícios góticos! Há muito tempo, via-se dali o céu azul, sem manchas; transformaram-no em pardo e substituiram as estrêlas pela cruz gamada. Na cabeça do tísico há uma cruz gamada burilada a punhal.

. . . .

O velho chamou o neto de cinco ano e disse-lhe:

— Isto aqui é um livro de orações. Ora-se a Adonai, o Deus que criou a terra e os mares e os homens e todos os objétos que há no mundo. Amanhã partiremos para bem longe, para um país onde não se conhece a côr preta, e eu quero que aprendas algumas rezas.

— E êste livro tem tôdas as rezas?

— Tem, sim.

— E foi Adonai quem escreveu?

— Foi Ele quem mandou escrever. Não perguntes mais e lê:

Alef, dalét, vav, nun, idu...
A-do-nai...
.. ..

A noite foi chegando de mansinho, enguliu a chaminé, evaporou os mastros, apagou as cores. Entrou nas cabines, na sala de jantar, nas escotilhas. Acenderam-se luzes e acuaram a noite nos cantos mais velados. Um vento frio rolou no tombadilho, foi-se e voltou, permaneceu aqui e ali, assobiou nos aspiradouros. O frio penetrou no caldo das sôpas e gelou-o.

E naquela noite pesadelos compartilharam de todos os leitos. Gemidos baixos, suspiros abafados rivalizaram com os pequenos ruídos que vinham do mar. Um ou outro levantava-se, saía descalço e não voltava mais. Mães abraçavam histericamente os rebentos. Então, quando a metade primeira do prazo badalou no relógio de bordo, o violinista subiu ao ponto mais alto da pôpa, retirou o instrumento carinhosamente, beijou-o com devoção e tocou. Tocou. Que melodia é esta que desafia a tirania dos potentados? Que nome tem esta música alucinada que domina o espaço, abafa o mar, passa além das fronteiras humanas?

Ninguem sabe, ninguem sabe.

"Vinde e deixai que eu vô-lo diga. Vinde, vinde todos, homens e mulheres, meninos e meninas, tragam até as crianças de peito; ouçam: é a Liberdade. Fantoches fardados, fantoches armados, juraram apagar a luz da Liberdade. Chefes apopléticos, líderes demagôgos, caudilhos vendidos — arrastaram as massas ao assassínio da paz. Vinde, vinde e ouví. Esta música é a vossa música, está dentro do vosso sangue, do vosso cérebro, nas vossas veias. Ela nasceu convosco, embala-vos desde o berço. Disseram que iam aniquilá-la, pisotear-lhe as notas, rebentar-lhe as modulações. Que adianta? Que adianta apontar metralhadoras, arrancar tripas, quando além, bem além, os muros são fecundados pelo sol?

Que podem canhões quando por baixo das ruinas brotam as plantas poderosas? O', meus irmãos, a escuridão desceu sobre nós, procura achatar-nos, obrigar-nos a chorar. Que se sequem as lágrimas, que se abafem os gemidos, que se dissolva a angústia. A hora da Liberdade soou, soou de dentro da caixa deste violino, do rítmo dos fios deste arco. Ela está dentro de cada um de nós, iluminando, avançando corajosamente.

Ouví, ouví!

O arco enlouqueceu, sôbe e desce, sôbe e desce, desespera-se em sons caóticos. Noite, negrume, paz, paz no fundo do mar, silêncio! O' tu, bem amada, que morreste prematuramente nas mãos do algoz, espera que irei reunir-me contigo. Meus olhos já não vêm mais sinão os teus, minhas mãos tocam as tuas como naquela última tarde de verão em que fomos separados. Lembras-te, recordas? Nao, é melhor não lembrar, a escuridão apagou-se, o sol voltou. Espera-me na curva da esquina e não prepares palavras de recepção. Eu passarei rapidamente, sem descançar — e te tomarei nos meus braços e iremos para o bosque dos trinados sem fim. Ouves, ouves, a canção, a canção das cousas alegres, da felicidade libertada? Não durmas, peço-te, não te distraias na curva da esquina que eu já me atiro para lá".

De manhã encontraram o violino boiando, dêsgovernado, em volta do navio. E todos sabiam que o violino significava a própria existência do adolescente apaixonado.

Catres sem ocupantes, chinelos sem dono, paletós solitários. Os duzentos passageiros já não são mais duzentos. Estão sendo engulidos pela rotação dos ponteiros. E a palidez dos coqueiros acentua-se, desvanece-se cada vez mais no infinito. Os múrmurios tôdos condensam-se no salão. As escotilhas estão fechadas e assim, mesmo o frio é grande. Velhos, moços e mães com seus filhos, balbuciam e tossem e choram no aposento fechado. Num canto, sentado na cadeira de rodas, o tísico permanece de olhos cerrados. Rapazes jogam cartas em volta da mesa. Anciões encanecidos, sentados no chão, rezam fervorosamente.

— Chegou o dia do Juizo Final — diz o da barba branca. — Hoje é o nosso último *Yom Kipur*. Oremos!

E os velhos oram:

— "Pecamos, nós e nossos filhos. Mentimos, roubamos, traímos, intrigamos, enganamos; fizemos mal, difamamos, pecamos, mentimos, fomos vís, degenerados, sem coração. Merecemos todos os teus castigos, e as perseguições que nos moveste foram sempre justas. Tu és o Deus dos Deuses, piedoso, bom, amigo, conselheiro. Tu nos ensinaste o caminho do bem e nós não te ouvimos. Fomos maus, teimosos; somos indignos da tua bondade e do teu perdao, Deus bondoso e justo..."

O menino abre o livro, acompanha com os olhos as palavras murmuradas:

— *Adonai Elohim*...

As mulheres choram mais alto, batem no peito como os Velhos, aceitam todas as culpas, todos os pecados. As barbas movem-se para trás e para frente esfregando as páginas divinas. Uma atmosfera mística vai pouco a pouco se estabelecendo no grupo, enerva os demais ouvintes. De vez em quando, um velho grita mais alto, depois sua voz retrocede, acerta com as outras. As mãos ossudas batem ritmicamente nos peitos descarnados. "Pecamos, iludimos, enganamos, mentimos..."

— Basta! — grita um dos jogadores, violentamente. — Basta! Estou cansado de ouvir lamúrias! Quero jogar em paz! Amigos, este jogo já está apático, joguemos a valores. Vamos!

— Mas se não temos...

— Mentira! Temos todo o mundo, todos os países. Aposto a Europa, a Europa com todas as nações, todos os rios, montanhas, vales. A Europa inteira contra as minhas cartas. Joguem!

— A America... — arrisca alguém.

— A América! — Um tregeito contorce a bôca do moço revolucionário. — A América! Eu vo-la dou de graça, gratuitamente! Esta nao vale nada não tem cotação. Disseram que a asa das suas pombas significavam a aurora da paz, mas eu vos afirmo que é negra e escura como os cárceres da opressão, a canção das palmeiras não da boas-vindas, fala de perseguições; e os homens que habitam estas paragens não são companheiros de ideal, são agentes da reação. E' esta a América das miragens coloridas, das poesias libertárias. E' este o país onde o azul dos mares — como os olhos das amantes — ocúlta a traição. A América, apostas, e eu te digo que ela não vale um caracol.

As mãos batem no peito.

— Pecamos... pecamos...

Então os olhos do tísico abriram-se e fitaram um abismo invisivel.

— Adonai... — murmurou, mas sua voz foi sacudida pela tosse.

— ... Deus, Todo Poderoso, Onipotente e Oniciente...

— Adonai! — Desta vez não haveriam lamentações que o fi-

zessem calar. A tosse vinha em ondas; fortes uma, rumorejantes outras quietas tambem. Mas o tísico sentiu uma transformação viva demais, no seu íntimo, para poder silenciar. Então falou, e cada vez mais alto, autoritariamente. — Adonai! Chegou o momento de falarmos face a face. Tu me conheces desde antes do meu nascimento, tu acompanhaste os meus primeiros movimentos, meus pensamentos, minhas desilusões; há vinte e cinco anos que nenhuma batida do meu coração te escapa, que não desconheces a minha ilimitada confiança no teu poder. Mas agora, Adonai, agora, deixa que eu te fale sem véus e sem rodeios, que exponha claramente tôdas as minhas opiniões a teu respeito. Bem sabes o quanto eu te adorei, quanto de mim mesmo consagrei ao teu culto. Mesmo nos momentos mais terríveis, naqueles em que os homens malditos (Um grito: por que?... por que?...) mutilaram meus pulmões e meu sexo, eu te procurei, foi a ti que implorei arrimo e coragem. Ví meus irmãos e os irmãos dos meus irmãos passar por crueldades sem nome, ouví nas noites longas (Pecamos!...) os gritos de angústia, de ódio, os chôros ocultos, as dôres degradantes — e a tudo calei, a tudo suportei, porque eu pensava em ti, Senhor, porque eu esperava de ti a palavra de redenção. E quando nos jogaram neste cargueiro e nos fizeram atravessar mares sem conta, eu julguei chegada a hora, acreditei na tua justiça e na tua piedade. Era à tardinha...

(Alguém soluçou baixo; os rapazes largaram as cartas e perderam-se no passado; os velhos batem monotonamente nos peitos e repetem o estribilho: "pecamos, pecamos"; um menino soletra medrosamente)...

— "... Coqueiros começaram a acenar, com as longas folhas verdes agitadas pelo vento. A praia foi se aproximando, tornou menos uniforme a espuma branca que se alongava numa grande extensão".

(A mulher que embalava uma criança, abafou um grito: "pára!" Lágrimas quentes foram escorregando de mansinho na pele lisa, queimaram os bracinhos ossudos que pendiam flácidos).

— Era à tardinha quando chegamos e eu tive uma grande vontade de parar de tossir, de sarar completamente, para me ajoelhar, ali mesmo no tombadilho sujo, e dizer em termos bem claros da minha fé na tua grandiosidade. As palmeiras acenavam em boas vindas, pareciam tão amigas, tão fraternas! Como poderia eu adivinhar que era mais uma cilada, mais uma astúcia da tua mente cruel? Eu não pensei na tua ardilosidade, no teu maquiavelismo; minha alma inundou-se de tamanha felicidade que queria berrar em cada rosto: "Hosanah, hosanah!" Tu estarias rindo lá em cima, despresando-me. Pois chegou o momento de se inverterem os papéis. Aqui, diante de todos, de velhos, moços e mulheres, eu declaro alto, afirmo sem a menor hesitação: és odioso de mais. Eu te renego!

— Companheiros; vamos incendiar este navio e morrer depois, gozando a agonia dos tiranos!

— Meus filhinhos... ó, meus pequenos...

— Não merecemos o teu perdão, nem somos dignos da tua clemência...

— Não acredito em teu nome e escarnecerei dos que se ajoelham reverentemente no altar das tuas casas. Eu te odeio como nunca odiei o mais degenerado dos perseguidores. Agora compreendo a cegueira dos meus sentidos, a ingenuidade das minhas crenças. Ví meninas estupradas por brutos nazistas e pensei: "Um dia virá a libertação", mas só agora é que eu vejo a liberdade — não em mãos divinas, mas nas mãos de companheiros, mãos idealistas, mãos vivas de sangue e ossos, mãos que sabem acariciar e confortar, mãos que não falam a linguagem de mentiras e traições.

Matas-me, mas morrerás comigo!

Os gemidos misturaram-se às respirações apressadas, lágrimas grossas e quentes brotaram de olhos encanecidos e jovens. Então, a criança que lia devagar os textos divinos, ergueu a cabeça de louros cachos, reprimiu o chôro que lhe comprimia a garganta, e, com gesto assustado, como se fôsse um criminoso da pior marca, — fechou o livro, escondeu-o nas suas mãozinhas trêmulas, e abraçou-o longamente, longamente, como que protegendo-o, como que subtraindo-o aos homens sedentos de vingança...

O que Dreiser significa para o jovem escritor

Michael Gold

O jovem escritor proletário de hoje tem mais o que aprender com Theodore Dreiser, creio eu, do que com T. S. Eliot, Henry James ou outros "estilistas" brilhantes da nova burguesia e seus anseios de maneiras feudais. O que Dreiser tinha era uma honestidade monumental, rara virtude na literatura americana; muito mais incomum do que o estilo, a habilidade ou a beleza.

Honestidade num autor significa que êle está tentando pintar a vida em torno de si com sinceridade: injustiças, divisão de classes, tristeza, luz e tudo mais.

Tolstoi disse uma vez que a deusa que venerava em tôdas as suas obras era a Verdade. Isso nosso jovem Frank Norris tambem já disse. Naturalmente, nenhum escritor pode interpretar a verdade exata da vida que é por demais tremenda para ser aprisionada num pequeno livro. Mas ele deve tentar interpretá-la, honestamente. Deve estar sempre tentando, com olhos firmes e cabeça erecta e obstinada.

As novelas de Dreiser foram, desde o princípio um quadro honesto do lado baixo, da prosperidade americana: a vida monótona das cidades pequenas, a hipocrisia e a sordidez sexuais, a supressão da fantasia generosa e do humanismo.

Foi um realista, numa literatura que havia camuflado com uma folha de romance tôdas as fábricas sujas, tôdas as habitações anti-higiênicas e minas explosivas onde trabalha o povo. SISTER CARRIE, história trágica de um caixeiro viajante e de uma "garçonette" de cidade pequena, apareceu no momento em que GRAUSTARK aquele romance de um duque e de uma duquesa num reino imaginário que era o sonho americano do mundo feudal imaginário de Alexandre Dumas, era o livro mais vendido.

Portanto os casquilhos, os acadêmicos, os bem alojados e bem alimentados não gostaram de Dreiser desde o princípio. Disseram que êle não tinha "estilo". De fato, Dreiser foi um gigante rústico. Frequentemente suas novelas tornam-se maçantes, porque êle era muito fotográfico e nada seletivo.

Ainda assim não foi seu estilo que lhe trouxe tantos inimigos. Foi o seu conteúdo; o esqueleto da futilidade que estivera sempre escondido no mais fundo da sorridente "prosperidade" americana.

Os livros de Dreiser não pertenciam a uma especie que atraísse a muitos militantes, do movimento operário. Seus contemporâneos, Upton Sinclair e Jack London, tinham aceitado a filosofia socialista. Isto lhes valeu a aceitação pela massa e sólidas raizes na vida americana. Dreiser, na maior parte dos seus escritos, alcançou uma aceitação relativamente pequena por parte da classe média, os rebeldes, os boêmios, os artistas, e aqueles que odiavam a monotonia e a hipocrisia de uma cultura inteiramente, comercializada.

Acho que se deve sempre ter em mente que Dreiser era o preferido desse grupo rebelde, se se quiser compreender seus numerosos ziguezagues na filosofia.

Dreiser, em diferentes etapas de sua vida, foi materialista mecanista, pessimista schopenhaueriano, anarquista e um revoltado sexual. Tornou-se pagão por algum tempo. Admirou os Titans do capitalismo monopolizador em outro período. Foi nietzcheano e adorador das artes. E assim continou durante décadas.

O jovem estudante de literatura na América socialista de amanhã achará provavelmente tudo isso muito confuso.

Dreiser até cedeu um pouco ao anti-semitismo nazista durante um breve lapso. Mais tarde tornou-se advogado sem medo do trabalhador e do desempregado americano.

Como seus companheiros, tinha que experimentar de tudo e ir passando de desilusão em desilusão. O ecletismo é uma tentativa desesperada e futil dos filósofos capitalistas para destruir o grande capitalismo e evitar desse modo o socialismo.

Dreiser resolveu o famoso ecletismo burguês tornando-se comunista. Creio que por ser êle tão inevitável, profunda e desajeitadamente honesto. Tinha grandeza; podia ver a nação e o mundo. Amava realmente a humanidade; pode-se sentir seu amor trágico pelos fracassados, desajustados, pelas vitimas, pelos enganados, oprimidos, e pelos roubados entre os quais ele nasceu.

O comunismo de Dreiser foi uma consequência orgânica de tôda sua vida. Ele não teve ambição social, nem andou louco pela fama e por dinheiro. Se tivesse tais ambições seguiria o fascismo. Dreiser foi um burguês rebelado, de coração partido e visão de poeta, que viverá para sempre na história de nossa literatura.

ENCONTRO COM DREISER

LOUIS ARAGON

PARIS (Pelo correio) — Este grande homem, pesadão pela idade, tinha ainda qualquer coisa de infantil na aparência. Quando chegou à Gare Saint Lazare naquela tarde de julho de 1938, seus olhos ainda estavam ofuscados pela travessia do oceano. Não se pode imaginar alguém mais tipicamente americano do que o autor de "An American Tragedy". Para o observador comum ele era apenas um turista como qualquer outro, e poder-se-ia sorrir de sua primeira preocupação logo após o desembarque: achar uma farmacia onde pudesse comprar um pouco de Bromo Seltzer, por espírito de precaução. Ele chegou a Paris como inúmeros outros compatriotas seus, com os mesmos receios, a mesma curiosidade, acreditando nos mesmos chavões.

Mas Theodore Dreiser em Paris, em julho de 1938, significava alguma coisa mais.

Aquilo que era profundamente, e mais essencialmente americano tinha vindo até nós. O homem que no mundo intelectual personificava o isolamento, senão o isolacionismo da América, e o que há de mais distante, mais inacessivel, nessa imensa realidade nacional americana que tem o seu próprio ceu e suas próprias estrelas. A significação da chegada desse homem à França em julho de 1938 não foi suficientemente compreendida. Que passo à frente na História essa chegada simbolisou! E quão glorioso foi para todos nós mais tarde o instante em que sua pátria depositou no prato da balança da liberdade o peso de sua indústria, suas armas, seus filhos!

Agora Theodore Dreiser, o maior dos realistas, o verdadeiro fundador do realismo americano, está morto. E isso quase que não traz quebra de continuidade ao nosso trabalho — mesmo ao daqueles que se dedicam à literatura. Eles parecem não saber que depois de Melville e Whitman, Henry James e Mark Twain, tinha de surgir Dreiser para tornar possível a jovem pleiade de talentos novos, Faulkner e Steinbeck, e Caldwell, tão admirados na França de nossos dias. A posição de Dreiser é ao mesmo tempo a de Zola e a de um escritor que nunca tivemos, a de alguém que seria para a novela realística francesa o que Nerval ou Peguy foram para a poesia. E' essa a árvore que tem suas raizes na realidade americana e espalha sua sombra sôbre as gerações vindouras.

Na Conferência Internacional de Escritores de 1938, em Paris, por ele presidida, disse Dreiser, resumindo a história de seu país: "Houve uma guerra para abolir a escravidão e a essa guerra seguiu-se imediatamente um desenvolvimento comercial, o mais agressivo e mais realístico a que o mundo jamais assistiu. Passamos da escravidão negra para a escravidão branca dos trabalhadores em todo o país. De 1865 a 1896 foram fundadas todas as nossas gigantescas corporações, assim como as nossas grandes companhias. Nossas companhias de oleo, nossas companhias de embalagem, nossas companhias de aço, nossas estradas de ferro, bem como seus bancos e seus advogados, tanto oprimiram o povo que êles se tornaram na prática os promotores da mudança social..."

Eu gostaria de repetir todo esse discurso, na manhã seguinte a uma guerra em que se lutou por liberdade e democracia. No momento em que Dreiser se foi — ele que em 1938 saíu do isolamento para trazer a experiência de tôda sua vida em seu país ao plano da experiência de tôda a humanidade — pode-se perguntar o que significou para ele a lição de seus últimos anos?

A respeito de uma outra guerra, aquela que em 1938 era chamada "a grande guerra", disse ele: "Houve então a Grande Guerra, com o advento da Revolução Russa e do Comunismo, que mais uma vez mudou a orientação da literatura — ou melhor, dividiu-a em duas correntes, uma que continuava a novela de ficção e o interesse humano sem preocupação pela ordem social, e outra que trouxe à luz uma longa série de problemas dos trabalhadores das fazendas e das fábricas..."

Ele disse tambem: "Eu creio que entre nós a luta pela justiça social ainda está na infância". Que diria ele no despertar desta última guerra? Mas é tão simples! No ano passado ele enviou uma carta ao Partido Comunista Americano (e eu me orgulho de ter meu nome ao lado de outros, entre as razões que o levaram a tornar-se comunista) e lhe trouxe a grande força de seu nome, como antes dele fizera Barbusse para o nosso Partido na França. O grande realista americano chegou muito naturalmente a reconhecer como seu esse Partido, nosso irmão, que será amanhã a melhor garantia na América para uma França dedicada ao trabalho, para uma França reconstruindo-se, contra essas grandes companhias, essas corporações gigantescas que podem amanhã esquecer que nós, franceses e ame-

(Continua na pág. 50)

Poema épico

JORGE DE LIMA

Entre todos os episódios de nossa história literária, um existe para maior prova desta verdade; e é o da Pleiade Mineira imprópriamente chamada de Escola: não poderíamos dar este nome ao saco de gatos que Vila Rica, com a sua prosperidade econômica, conseguiu arregimentar entre arcades portugueses e brasileiros de estilo e fala reinóis.

Pretendia este ilustre grupo, com o arcadismo, desbancar o seiscentismo, mas continuou gongórico.

Tencionava produzir poesia brasileira, e ela continuou portuguesa com exceção do luso Dirceu que, para se fazer compreender pela namorada ignorantezinha, compôs, interessado no amor da pequena, uns versos muito simples e muito bons, sem artifícios clássicos e sem arrebiques de expressão: Marilia precisava compreender, Marilia salvou-o do nativismo complicado dos outros. Obrigado, Marilia! Obrigado sobretudo porque conseguiste os primeiros versos de paixão humana sentida, vivida e sinceríssima.

Nada mais chocante do que colocar lado a lado os versos tão brasileiros, tão amor mineiro e universal do vate portenho e os dos poemas Uruguai e Caramurú. Quer dizer que, se a Pleiade conseguiu, graças a Marilia bela, uma vitória lírica, falhou completamente ao tentar o poema épico.

Faltou ao poeta do Uruguai o assunto adequado à epopéia, com o indispensável recuo do tempo, com eficientes heróis e sem esta preocupação muitíssimo anti-poética de bajular Pombal (indígna preocupação!) e ainda mais sem esta traição aos jesuitas em cuja ordem professava sem constrangimento. Todas estas qualidades negativas fazem do Uruguai um fruto gorado da frondosa árvore camoniana.

Frei Durão teve o seu Caramurú divulgado doze anos depois de José Basílio, e igualmente pretendia fabricar uma epopeazinha em que deliberadamente o nativismo iniciasse sua vocação política e o destino entresonhado do nacionalismo e do patriotismo. Mas ao mesmo tempo não querendo largar as boas graças da Metrópole, cantava com exaltação uma quente lealdade a Portugal e se entroncavam voluntàriamente à epopéia da descoberta das Indias pelo Gama. Apenas, o poema de Frei Durão cantava em versos medíocres a descoberta da Baía pelo fantástico Diogo Alvares. Poema inverosimil com o mérito (mérito?) de insinuar americanismo na poesia. Vê-se que a Poesia não se presta a estas insinuações. Resultado: gorados os épicos, porque não ceder as "Cartas Chilenas" a Tiradentes (para desempatar) que foi indubitavelmente o mais eficiente inimigo do Fanfarrão Minesio? Mas tal atribuição deslustraria profundamente a glória de Tiradentes — este grande poeta épico da Pleiade Mineira. Imaginemos quanto este homem simples peruou os companheiros letrados do grupo. Quanto desejou êle, também, ter o seu pseudônimo árcade e se intitular Alcindo Palmireno ou Termindo Sepilio em vez de Tiradentes. Não; êle nasceu para poeta épico, não podia se intitular de Direeu. E' Tiradentes para todos os efeitos. Tiradentes burlesco e nada incruento, simbólicamente um herói que desarma, que agride de qualquer modo, um pouco temido, mas um homem de ação diferente dos líricos: alferes, centurião do regimento nacional de Dragões, conjurou. Poeta leigo animou os poetas escribas que ele talvez invejasse. Não conheceu que a epopéia estava toda dentro dêle com prejuizo de Basilio e Durão. Só faltava passá-la ao papel. Talvez saisse ruim como o Uruguai ou o Caramurú.

* * *

Tiradentes começou a viver poesia épica.

Quando a conjuração falhou êle, que havia vivido uma epopéia verdadeira, morreu por ela, enforcado, esquartejado, realmente pura poesia heroica, a maior e a mais real de tôda a América.

PORTINARI,
os novos tempos e o mundo melhor

SILVIA

Portinari veio de Brodowski e de lá trouxe o problema da gente e da terra. O problema que está em todo o Brasil, que martela os nossos ouvidos, que aflige o nosso dia a dia e que se reflete na falta dágua, na crise do pão, na deficiência da carne, no cartão do assucar e em todas as filas que enchem a metrópole brasileira, sacrificando o povo. E' o problema que vem de longe, que se anunciou durante um longo período, mas que não conseguiu obter qualquer esfôrço construtivo para evitar o espelho de proporções quasi calamitosas na grande cidade.

Foi durante esse tempo dissipado pelos impatriotas ambiciosos que Portinari, no seu laboratório de pesquisas plásticas interpretava a imagem da vida que afligia a muitos.

— "Os brasileiros são assim, tomando café!" Era uma maldosa contra-propaganda que um leigo americanisado jogava para o julgamento da verdade de um artista!

— "Péssimo serviço de propaganda nos Estados Unidos!" dizia qualquer outro incauto brasileiro a contemplar o famoso quadro premiado no país de Roosevelt.

Mas a vida estava tomando seu curso e as falsas interpretações de nossa realidade tomavam vulto contra Portinari. Um dia perguntei a um desses ignorantes, não da arte propriamente, como podia supôr por engano, mas de nossa realidade:

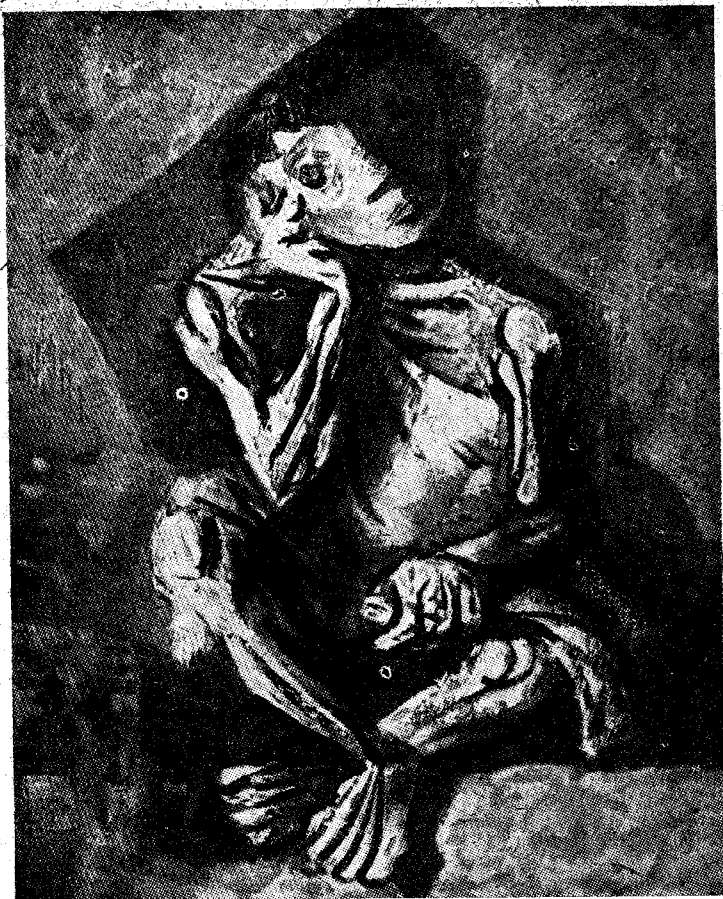
— Já viu por acaso o Brasil, na sua verdadeira situação com 70% de analfabetos? Já viu o Brasil do campo, com as suas crianças barrigudas, os seus homens amarelentos e suas mulheres sempre grávidas? Esse Brasil que é um vasto hospital? Pois bem, êste Brasil está nas obras de Portinari.

E era denunciando uma triste realidade que Portinari construia seus monstros.

O mundo começou a marchar para os novos tempos. Veio a guerra contra o fascismo que começou na Espanha. A tremenda guerra de invasão e de pilhagem. O grande golpe da não intervenção que todos os imperialismos em luta pretendiam disferir para estabelecer o primado dos interêsses mesquinhos de cada um, contra a humanidade sacrificada pelo trabalho. Com a segunda guerra que se afirmou como guerra de povos e de libertação, o Brasil começou a ouvir tambem a voz de seu povo e lutou com a decisão de seus bravos soldados para ganhar a sua democracia.

A luta de Portinari tambem mudou. Agora não serve apenas denunciando o pauperismo e impondo com a sua fôrça de artista o máo estar da classe dominante em face de nossa verdade. Portinari agora é o homem que saindo de uma profunda constatação, faz de sua vida e de sua arte a bandeira de um militante do mundo melhor. Não mostra o povo, representa-o. Atúa como um autêntico combatente. E' um homem dos tempos novos que está construindo o mundo melhor.

Partindo para a França, Portinari vence as nossas fronteiras e vai levar para longe a mensagem do povo brasileiro, a sua fôrça construtiva, o seu anseio por um grande entendimento entre as nações da família universal que luta pela paz.

UMA TELA DE PORTINARI

Dos Artistas

A visita de Cândido Portina a Paris é um excelente pretex para que os artistas plástic brasileiros dirijam algumas pal vras fraternais a seus coleg franceses. Consideramos a e posição de Portinari em Paris u acontecimento de significação mu to especial para a história nossas relações comuns. A ii ciativa chegou num momen oportuno, pois, os anos de gue ra trouxeram uma nova fase pa a compreensão espiritual ent nossos dois paises. Isto não é u simples fase. Alguns espírit franceses do mais alto valor at buiram particular importânc nestes últimos anos, à amiza entre o Brasil e a França. N provações da guerra esses amig franceses perceberam o alcance posição de nosso pais na famí latina. Alguns dêles estiver exilados entre nós.

Com uma notável exposição livros e obras de arte, a Fra nos concedeu a primazia do

...ticos Brasileiros aos seus Colegas Franceses

reconhecimento fraternal após a libertação. Foi um gesto simbólico. Desejamos estar cada vez mais ao corrente da vida cultural e artística francêsa. E desejamos, por nossa vez, que os artistas franceses possam fazer uma idéia, a mais objetiva possivel, do que produzem seus colegas brasileiros. Não temos a pretensão de ser os continuadores nem os sucessores, ainda menos os concurrentes desses artistas que têm atrás de si muitos séculos de tradição. Mas num mundo que tudo espera das forças novas, queremos apenas apresentar o documento de uma experiência num país onde a tradição da cultura européia sofreu a ação de fôrças nativas poderosas. E' claro que a sua arte, engendrada por elementos naturais, raciais e sociais diferentes da experiência européia, não poderia se nacionalizar ao ponto de tornar-se completamente exótica. No mundo de hoje não há lugar para ilhas de cultura artística. Assim, os artistas parisienses hão de encontrar na pintura do seu colega brasileiro alguns daqueles problemas que são comuns à arte da nossa época e derivam do sentido cada vez mais internacional da cultura contemporânea.

Seja esta a nossa primeira contribuição aos nossos camaradas franceses de quem nos sentimos tão próximos pelas afinidades do passado cultural e pela comunhão dos mesmos ideais de luta por um mundo melhor Os artistas brasileiros, como os artistas franceses, são mensageiros das inquietações do povo e interpretam o drama de nossa época. Assim, a arte de Portinari falará não apenas pelos seus companheiros de trabalho, mas igualmente pelo pensamento do povo brasileiro.

Assinaturas: Carlos Scliar — E. P. Sigaud — Durval Alvarez Serra — Jan Zach — Hugo Leite — Inimá J. de Paula — Milton Martins Ribeiro — Quirino Campofiorito — Paulo Werneck — Wamberto Jácome — Raul Deveza — Elze Wedége Arêde — Chlau Deveza — Solano Trindade — Sylvia Leon Chalréo — Lelio Landucci — Maria de Lourdes Pires da Rocha — Alcides Rocha Miranda — Augusto Rodrigues — Théa Pereira — Ozon — Bustamante Sá — Casemiro Ramos Filho — Pereira Ramos — Napoleão Lazzaroto (Poty) — Oscar Meira — Telmo de Jesús Pereira — Honório Peçanha — Victor Mechize — Augusto Freire Belem — Athos Bulcão — J. Menezes — Randolpho Barbosa — Marcelo — Hilda E. Campofiorito — Réjane de Azevedo Galvão — Gilda Gelmini — Olga Verjorsk — Alfredo Ceschiatti — Ubi Bava — Maria Dulce — Roque Pinheiro — Georgina de Albuquerque — Iberê Camargo — Manoel Serra — Paulo Gagarin — Mario de Murtas — José Cristino dos Reis e muitos outros.

LLEGADA

Aqui estamos !
La palabra nos viene húmeda de los bosques,
y un sol enérgico
nos amanece entre las venas .

El puño es fuerte,
y tiene el remo.

En el ojo profundo duermen palmeras exorbitantes,
y el grito se nos sale como una gota de oro virgem.
Nuestro pie, duro y ancho,
aplastra el polvo en los caminos abandonados
y estrechos para nuestras filas.
Sabemos dónde nacen las aguas,
y las amamos porque empujaron nuestras canoas
bajo los cielos rojos.
Nuestro canto
es como un músculo bajo la piel del alma,
nuestro sencillo canto

Traemos el humo en la mañana,
y el fuego sobre la noche,
y el cuchillo, como um duro pedazo de luna,
apto para las pieles bárbaras;
traemos los caimanes en el fango,
y el arco que dispara nuestras ansias,
y el cinturón del trópico,
y el espíritu limpio.

Traemos
nuestro rasgo al perfil definitivo de América.

! Eh, compañeros, aqui estamos !
La ciudad nos espera con sus palacios, tenues
como panales de abejas silvestres;
sus calles están secas
como los ríos cuando no llueve en la montaña,
y sus casas nos miram con los ojos pávidos
de las ventanas.
Los hombres antiguos nos darán leche y miel,
y nos coronarán de hojas verdes.

! Eh, compañeros, aquí estamos !
Bajo el sol,
nuestra piel sudorosa
reflejará los rostros húmedos de los vencidos,
y en la noche,
mientras los astros ardan en la punta
de nuestras llamas,
nuestra risa madrugará sobre los rios y los pájaros !

NICOLAS GUILLÉN

AMIZADE ARGENTINO - BRASILEIRA

QUIRINO CAMPOFIORITO

Será que pode mesmo interessar o que fora da arte possa ter percebido um artista, durante uma viagem à Argentina?

Talvés sim, e por isto a razão desta crônica. Em outra época tudo o que nos foi dado ver, seria a cousa mais normal e por isso sem a menor curiosidade. Mas nos dias que correm, certas cousas vistas com os próprios olhos, olhos bem abertos pela graça da Natureza, ganham um valor extraordinário.

O que de pronto se reconhece ao por-se os pés em terra argentina, é que naquele soberbo país vive um povo amigo nosso. Aliás os povos sempre se estimam. São as razões estranhas inteiramente aos seus humanos interesses que estabelecem essas súbitas rivalidades que determinam as guerras entre nações, ou alimentam certo estado permanente de rivalidade para que floresçam as explorações mais ignóbeis e desumanas.

Não foi essa a primeira vez que visitamos a Argentina. Algumas vezes lá estivemos, e sempre tivemos a mesma impressão. Apesar de todos os pezares, apesar das velhas explorações das rivalidades coloniais, o povo argentino hoje nutre uma forte simpatia pelo povo brasileiro. Para um povo culto e modernisado em suas convicções sociais, não poderão valer as caducas situações dos interesses espanhóes e portuguesses que sempre agitaram as populaçõees coloniais de uma América de outr'ora.

E não serão interesses de hoje para levar os povos livres da América a nova situação colonial, para regalo do capitalismo imperialista, que hão de convencer argentinos ou brasileiros, uruguaios ou chilenos, paraguaios ou bolivianos, e assim todos os outros povos do Continente, que há razões de ódios a separá-los.

Se um ódio existe realmente no sub-conciente do democrático povo argentino, êsse não se endereça aos seus vizinhos, e sim aos exploradores e cerceadores de suas forças de progresso.

A recente viagem que fizemos ao país de além Prata, foi em companhia de muitos estudantes brasileiros da Universidade do Brasil. Chegamos a Buenos Aires em Março, às vésperas das eleições. O ambiente agitadíssimo parecia prometer dissabores. Sucediam-se os atropelos de rua, entre os partidários de Perón e os seus adversários. Pudemos constatar a conciencia cívica do povo argentino. A Polícia não os amedronta. E é preciso saber-se que a Polícia argentina não estava disposta a brincadeiras, nêsses dias apreensivos. Encontramos o povo dividido em duas facções que disputavam a eleição dos governantes do país. Nessa luta os estudantes platinos se portaram com a dignidade que arrasta sempre a juventude convencida de seus brios cívicos. Divididos os universitários argentinos pela luta partidário-política, assim mesmo pudemos tê-los sempre ao nosso lado, pois, não perderam num só momento o contacto conosco, apresentando-se constantemente às gentilezas mais tocantes para com os colegas brasileiros que os visitavam. As paixões políticas não os fizeram esquecer sua simpatia por nós. Tivemo-los sempre ao nosso lado, nesses dias memoráveis da história argentina, quando uma grande paixão política decidia os destinos da nação. A amizade "a los brasilenos", — diziam estudantes "peronistas" e oposicionistas, — "vence nuestra rivalidad politica". Essa amizade é o esteio de paz para dois povos que anseiam os mais legítimos destinos de liberdade e progresso. Assim foi que, num ambiente de exaltações políticas, puderam vinte e dois estudantes brasileiros viver uma vintena de dias felizes, cortejados pela melhor estima da gente de Buenos Aires. Sim, da gente de Buenos Aires, porque onde quer que percebessem que eramos brasileiros, logo nos rodeavam e estabeleciam a mais franca camaradagem. Fosse à porta das Faculdades, nos Hotéis, nos logradouros públicos ou nos ambientes familiares. Seguidamente, a pouca distância de nós estourava uma "pelea" entre civís e a polícia, ou simplesmente entre grupos adversários. Correrias, tiros e patas de cavalos se sucediam. Nunca nos vimos envolvidos. Respeitaram-nos sempre os mais exaltados e a polícia também não nos importunava. Vivemos assim em plenas avenidas de Buenos Aires, nos dias tumultuosos que antecederam as recentes eleições, sem que nos houvesse sucedido a menor contrariedade. Embora constituíssimos uma embaixada de professores e estudantes, o que podia se prestar a alguma confusão, de parte a parte dos grupos em que se dividia a opinião argentina, só merecemos a mais expressiva consideração. Os nossos ouvidos ouviram muitas vezes estas palavras deveras agradáveis: "son nuestros amigos brasileños".

Apreciamos bem o efeito que causou no povo em geral a divulgação do Livro Azul Norte-Americano. Foi lamentável. Oposicionistas e "peronistas" se uniram numa só opinião: — "Nadie se deve intrometer en nuestras questiones nacionales". E o coronel da reserva "Perón" ganhou por isso mais alguns milhares de votos. A atitude discreta e inteligente do Brasil nessa questão cativou mais ainda a simpatia do povo argentino.

A RUBEN RUIZ IBARRURI

Muerto heroicamente en el Frente Soviético

Cuando la noche rusa cayó sobre la tierra,
— estepas donde extiende la nieve su destierro —
dijo una voz, frenando el corcel de la guerra:
— Aquel joven teniente espanol yace muerto...

Vino desde la orilla del Ebro ensangrentado,
con el fusil sediento de venganza y victoria;
toda la boca hecha canción, todo el costado
presintiendo la aurora de la espanola gloria.

Luchó día tras día, noche tras noche, fijo
su corazón de mozo en la Espana lejana.
Decían los que le vieron luchar: — Este es un hijo
de aquel país que cruza, sonriendo, el Jarama.
Y murió...
Combatiendo contra la horda fiera
desgarró la metralla su corazón profundo,
Salud! gritó al caer, y su palabra era
un llamamiento a toda la juventud del mundo.

ANTONIO APARICIO

Todos nós, professores e estudantes que fizemos parte dessa embaixada da Universidade do Brasil, hoje somos testemunhas fiéis da amizade que a grande nação irmã nutre por nós. As provas foram inúmeras e eloquentes. E de nossa parte, sabemos que o nosso povo, bom e pacífico, tambem sabe estimar os seus irmãos argentinos.

Por vontade de nossos povos jamais a guerra ensanguentará as fronteiras de nossos paises. Mas a guerra não é fruto do interesse dos povos. Outrora a América viu longamente jorrar o sangue dos seus heróis nas lutas que se sucediam pela intriga dos senhores colonizadores lusos e espanhóis, e também estes envolvidos nas manhas da velha política européia de ambições desmedidas.

Hoje, os povos americanos estão experientes e sabem às claras a história de um passado de explorações. Se se deixarem ludibriar agora, então terão a guerra para gáudio do capitalismo imperialista. A ambição do dinheiro internacional ficará satisfeita.

A escultura entre os incas

JESUS LARA

Os cronistas primitivos não podem calar de todo a existência da escultura no **Incario,** ainda que a ela se refiram de uma forma tão incidental e despreocupada, que o leitor acaba pensando que esta arte não existiu. E' ao menos a conclusão tirada pela maioria dos investigadores que nêle procuram apoio. Cieza de Léon, Sarmiento de Gamboa e alguns outros chegam a dizer que **os índios copiavam em ouro e prata os seus reis e alguns animais e plantas,** porém, não passam daí. Garcilaso e Herrera não são mais explícitos, pois, não ferem essa questão com intenção qualitativa, sinão, simplesmente, para demonstrar a grandeza e a suntuosidade de algumas festas e dos palácios reais. Limitam-se a contar como guardavam nos palácios os bustos de ouro dos Incas e como os carregavam em suas procissões. Por êles sabemos apenas de que maneira as centenas de **curacas** do império chegavam à capital na páscoa do Sol com oferendas consistentes em estátuas de lhamas, vicunhas, lagartos, pumas e outros animais, lavrados em ouro e prata. Assim mesmo são vagas referências de que os numerosos templos do **Incário** se achavam profusamente dotados dos mesmos objetos. Não dizem nada, entretanto, sôbre a qualidade das reproduções.

O primeiro que encontrou vestígios da escultura **incaica** foi Humboldt. O sábio tedesco nos conta em "Sítios das Cordilheiras" que em **Inti Wayqqo** conheceu uma rocha enorme com impressões da imagem humanizada do Sol, a qual havia sido apagada, não de todo, pelos espanhóis, "pelo grande interêsse que demonstravam em destruir tudo quanto era objeto de uma antiga veneração". Assim mesmo, o ilustre viajante descobriu, em outros lugares, cabeças de animais talhadas em pórfiro, como ornamento arquitetônico.

Ao se iniciar a éra republicana não se possuiam maiores notícias. Não tardaram a surgir os ensaios de cerâmica nos cemitérios e outros pontos do antigo Tawantinsuyu. A maior parte das peças encontradas, e, suponhamos, as mais interessantes, estiveram brilhando nos principais museus da Europa antes da última guerra. Estados Unidos e Argentina possuem também exemplares de valor inestimavel.

Quase que a totalidade da cerâmica encontrada na Bolívia tomou o caminho do estrangeiro. Nenhum museu boliviano ostenta peças de valor. Não aconteceu o mesmo com o Perú. Os museus daquele país, particularmente o de Lima, guardam objetos de singular beleza.

A cerâmica incaica possue uma qualidade altíssima que não pode ser igualada pelos quechuas atuais. Os processos que seus antepassados empregavam no trato da argila foram esquecidos.

Contudo, a qualidade não é o mérito essencial daquela cerâmica. Os antigos quechuas não fabricavam suas vasilhas por um simples conceito de necessidade, mas com um sentido estético cada vez mais amplo e mais transcendental. E' o que nos dizem seus formosos motivos de decoração, assim como a variedade inumerável de suas formas e dimensões. Não somente conheciam a cerâmica necessária para o uso doméstico nem a que se empregava nas festas públicas, iam mais além. Objetos os mais diversos eram trabalhados com o único fim de ornamentar a vivenda, quer dizer, somente para recreiar a vista. Também muitos dêles eram fabricados para acompanhar os seus possuidores ao túmulo. Muitíssimas peças excavadas nos antigos cemitérios não dão mostra de nenhuma outra aplicação além da puramente ornamental e votiva.

A decoração e a variedade não significam suas virtudes mais fundamentais. O que existe da cerâmica incaica é suficiente para fazer justiça a êsse povo de titans e de artistas. Nela não temos unicamente vestígios nem tentativas e sim uma plena realização, toda uma culminância no exercício da escultura. Muitos vasos, muitos jarros, muitos objetos, ostentam motivos modelados com tanto acêrto, com tanto refinamento, que nos metem pelos olhos a convicção de que foram plasmados por mãos verdadeiramente mestras, por mãos que conheciam todos os segredos da arte e sabiam animar a argila com o alento da imortalidade. Em suas linhas, em seus volumes, em todos os seus elementos se observa tais qualidades de pureza, de vigor e de proporção, que sua presença nos sugere com insistência o equilíbrio da arte clássica ocidental. São notáveis as cabeças de incas e de **ñusttas,** as de animais totêmicos e outros temas que oferecem à nossa admiração os jarrões e demais vasilhas que guardam os museus. O artista boliviano Raul G. Prada, depois de uma viagem de estudo por terras peruanas, afirma que a escultura incaica, quando chegaram os espanhóis, se encontrava em um nível de evolução muito mais alto do que a sua contemporânea européia.

Em "O Império Socialista dos Incas", Baudin se entusiasma descrevendo a cerâmica peruana que conheceu e estudou. Na sua opinião, esta arte foi a que maior desenvolvimento alcançou no Perú e seu estudo poderia ocupar um livro inteiro. Naturalmente, faz esta afirmação tendo em vista que faltam testemunhos nas demais artes. "Os vasos — diz — são de tôdas as formas, de tôdas as côres e com tôda espécie de decorações, dêsde os covilhetes de pequenas dimensões até as ânforas esbeltas de gargalo estreito e arredondado para o fundo; dêsde as cerâmicas monocromas de Chimú até as policromas de Nazca; dêsde os vasos zoomorfos — que deixam ouvir quando se verte o seu conteúdo, o som dos animais que representam, graças a um engenhoso sistema de escapamento do ar — até os grandes jarros que representam homens em tôdas as atitudes". Baudin não está de acôrdo com Wiener, que sustenta em sua

obra "Perú e Bolívia" que a arte quechua é demasiado monótona, fria e convencional. Segundo o professor de Dijon, os peruanos criaram obras de verdadeira beleza, e a beleza verdadeira não é nem monótona, nem fria, nem convencional. "Há vasos — afirma — que são verdadeiros retratos destinados a acompanhar ao túmulo aqueles que serviram de modêlo".

E' preciso não esqueeer que a escultura cerâmica peruana não adquiriu evolução e fôrça sòmente no Incário. Os objetos procedentes da cultura **Chaimú**, por exemplo, oferecem documentos que falam de uma arte que chegou a realizar obras primas antes do advento de Manco Qhápaj. A "História da Arte do Antigo Perú", de Walter Lehemann, contem um bom número de fotografias que demonstram a existência de um gênio artístico evoluido até o grão do insuperável, tal é o vigor realista, a maestria plena com que foram executadas aquelas obras. Na opinião do artista Alejandro Guardia, aquela escultura, em virtude da fôrça interpretativa de seu realismo, se caracteriza por uma expressividade que se desconhece na arte ocidental de tôdas as épocas.

A arte incaica manteve em todo o seu esplendor aquele grão de evolução, tornou-o mais original e o transportou para o ouro e a prata.

E' preciso considerar que os Incas não tiveram o acêrto de utilizar o bronze e o mármore em sua escultura. O bronze os servia, juntamente com o silex, para lavrar a pedra, enquanto o mármore lhes era desconhecido. Erro deplorável foi nêles a eleição do ouro e da prata. Era porque o ouro e a prata, ao contrário do que acontecia nos povos do Velho Mundo, eram estranhos à cobiça do homem e não encerravam sinão um valor nitidamente votivo. As oferendas ao Sol e os presentes ao Inca se encontravam expressados nos nobres metais. Os quechuas estavam muito longe de pensar que o ouro e a prata servissem para alguma coisa fora de seu culto e de sua arte. Em tal sentido, aqueles metais não significavam mais do que o bronze e o mármore para os helenos. Se êstes adornavam seus templos e seus palácios com estátuas de mármore e de bronze, aqueles sobrecarregavam os seus com objetos de ouro e prata. A arte grega se salvou como a arte indígena do Perú desapareceu na voracidade dos conquistadores.

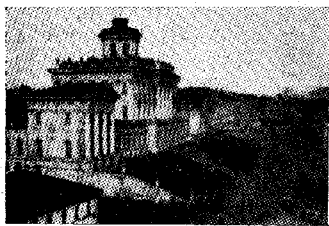
Os cronistas coloniais utilizam um método escrupuloso em seu propósito de não tocar em certos aspectos do resgate de Atawallpa e de todos os demais tesouros encontrados nas célebres "Huakas", através de muitos anos de busca e de fortuna. E' sabido que os invasores se submergiram numa orgia de ouro e prata e ninguem tentou averiguar se os montões de metal mostravam algum conteúdo artístico. Contagiados pelo deslumbramento dos aventureiros, todos se comprazem em pesar e taxar, sem perder um maravedi porém não querem molestar-se em enxergar um pouco mais adiante. Não obstante, é o próprio secretário de Pizarro, quem, sem perceber, formula a tremenda acusação contra seu chefe e contra seus companheiros e ao mesmo tempo nos entrega um valioso roteiro. Ao descrever o resgate, Jerez nos fala, ainda que friamente, sem o concurso de sua sensibilidade ou de seu julgamento, de "Certas grandes fontes, com seus canos correndo água, em um lago feito na mesma fonte onde há muitas aves feitas de diversas maneiras e homens tirando a água da fonte, tudo feito em ouro". Linhas abaixo se refere a certas estátuas de pastores e lhamas, em tamanho natural, fundidas em ouro, que existiam em Jauja, no palácio do Inca cativo. Logo alude também a reproduções de animais e outros objetos para acabar expressando que tudo aquilo foi fundido pelos expedicionários.

O roteiro de Jerez se amplia com documentos posteriores de inquestionavel autenticidade. Edwin R. Heat, em suas "Antiguidades Peruanas", transcreve alguns inventários dos tesouros excàvados em Trujillo em 1577. Entre os objetos de ouro e prata enumerados naqueles documentos figuram muitas "peças em forma de efigies de animais", "modêlos de mazorcas de milho e outras coisas". Um só inventário arrola um valor de quatro milhões e meio de pesos daquele tempo.

Jerez e os inventários coloniais são suportes imperturbáveis sôbre os quais repousam as referências de Garcilaso, Herrera e Guamán Poma. Êste último, desenha e fala de inúmeros "huacas" (ídolos) de ouro que representavam divindades tutelares entre os Incas.

Há fundamentos para supor que o modelado que se empregou na cerâmica não pode constituir uma arte de seleção, uma arte destinada a expressar a máxima capacidade criadora dos artistas quechuas. País teocrático por excelência, o culto de seus deuses era uma de suas preocupações essenciais, as mesmas que se traduziam nas esculturas das oferendas. Em razão de seu destino, estas obras tinham que ser realizadas por artífices cuidadosamente eleitos, nos quais existia um constante afan de superação, pois, sabiam que as estátuas saídas de suas mãos deviam embelezar os templos e os palácios. Esta circunstância era para todos os artistas do Tawantinsuyu um poderoso estímulo e sua influência tinha que abrir um caminho seguro para a sublimidade. Se chegou a êste ponto a escultura quechua em ouro e prata, não podemos verificá-lo agora, mesmo que não corrêssemos grande risco em presumí-lo. Com efeito, se no barro de seus cântaros, barro destinado ao uso das massas populares e à decoração da vivenda do **jatunruna**, nos dão a sensação de um domínio admirável da técnica e nos oferecem o goso do belo?, como não pensar que foram capazes de realizar obras prima sem suas estátuas de prata ou de ouro? O relato despreocupado de Jerez, pode, depois de tudo, conduzirnos a uma conclusão. O secretário de Pizarro, confundido com as quantidades nunca vistas de objetos de ouro e de prata que chegaram a Cajamarca, não atinou em observá-los, e menos ainda a apreciá-los, a não ser em sua significação comercial. De modo, que aquelas "grandes fontes" de ouro tinham que ter possuido uma grande virtude sugestiva para deter os olhos do invasor e obrigá-lo a descrevê-las. Aquelas obras deviam ter sido executadas com indubitavel maestria, não se conseguindo nelas, de outro modo, o efeito da água que cae dos canos e o dos homens em atitude de extrair da massa de água recipiciente, reposante do líquido.

A Biblioteca "LENIN"

M. KLEVENSKI
(Chefe do setor cientifico da Biblioteca)

Antigo edificio da Biblioteca, hoje monumento nacional

No coração de Moscou, em frente às torres do Kremlin arrematadas com estrelas de rubis, se ergue num promontório, a Biblioteca Nacional "Lenin", a biblioteca pública mais importante da capital moscovita e que ultimamente vem ocupando um dos primeiros lugares entre as bibliotecas do mundo.

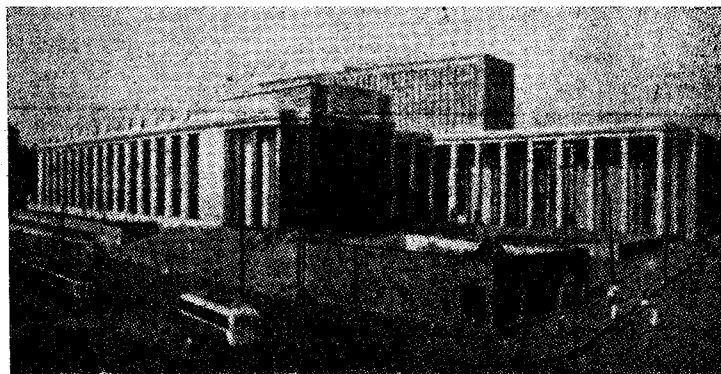
As amplas instalações da biblioteca ocupam uma superficie de 50.000 metros quadrados. Em sua sala principal, que possue 18 galerias superpostas de "stands" cabem 180 quilômetros de estantes para livros. Nesta sala estão guardados os mais valiosos patrimônios da literatura da URSS: a secção da biblioteca cuja missão consiste em conservar a perpetuidade de tôdas as obras impressas aparecidas na Russia durante o período de impressão de livros e obras cientificas estrangeiras de todos os ramos do saber. As salas de leitura da biblioteca comportam 1.200 pessoas.

Durante o ano de 1945, quase um milhão de pessoas visitou a biblioteca. Seus livros são diariamente consultados por sábios, engenheiros, médicos, professores, estudantes, em uma palavra, por pessoas de tôdas as profissões e idades. Quatro milhões de livros foram entregues ao público durante o exercício de 1945, nas salas da biblioteca. Esta instituição que traz o nome de Lenine, cumpre o postulado desse grande homem: "Façam com que estas enormes e numerosas bibliotecas fiquem ao alcance das massas, da multidão e da rua".

Uma das entradas da biblioteca ostenta uma estátua de mármore onde está gravado em letras de ouro que durante a última década do século, Wladimir Lenine ali trabalhou, na sala de leitura do Museu Rumiánstsev (nome da biblioteca de Lenine antes da Revolução de Outubro). A biblioteca conserva com todo cuidado um apontamento feito por Lenine no livro de registo dos leitores e que data de 1893. Desde os seus primeiros anos de vida conciente Lenine passava muito tempo nas bibliotecas. Trabalhou nas de S. Petersburgo e de Moscou, na Biblioteca Nacional de Paris e na Biblioteca do Museu Britânico. Ainda na Sibéria, Lenine, visitava a biblioteca do conhecido bibliófilo Iudin que foi mais tarde comprada pela Biblioteca do Congresso norte-americano e que se viu de base para a sua coleção de livros russos.

Depois da revolução de outubro e ocupando já um posto de Chefe do Govêrno Soviético, Valdimir Lenine utilizou mais de uma vez os livros da biblioteca Rumiántsev. Foi conservada a sua nota dirigida à biblioteca, na qual pedia que lhe enviassem, por um dia, vários dicionários e uma história da Filosofia grega. Citamos um pós-data de Lenine por considerá-lo de sumo interesse e porque demonstra sua grande modestia e seu respeito pelos tesouros encerrados na Biblioteca Nacional: "Se segundo as regras, as publicações informativas não se entregam a domicílio, não seria possivel recebê-las por uma tarde ou por uma noite? Eu as devolverei pela manhã". (Esta última frase era sublinhada por Lenine).

Varios pedidos de livros para Lenine demonstram que nos anos de 1919 e 1921 se utilizou muitas vezes da Biblioteca Rumiantsev para o seu trabalho.

Naqueles anos a biblioteca já satisfazia muitos pedidos de livros do Conselho de Comissários do Povo e de outras instituições e oficinas do Estado Soviético. Lenine e Stalin eram subscritores da biblioteca. O Govêrno Soviético e pessoalmente Lenine se preocuparam com o incremento das bibliotecas na Russia e prin-

O novo e moderno edificio da Biblioteca "Lenin" que contem 10.000.000 de volumes

cipalmente das maiores bibliotecas do país. Vários dias depois da Revolução de Outubro, apesar dos importantes cargos que haviam recaído sobre sua responsabilidade, Lenine encontrou tempo para escrever um esbôço "Sôbre as tarefas da Biblioteca de Petrogrado" (que antes da revolução era a biblioteca central da Russia).

Em 1920-1921 Lenine escreveu que faltava reunir na Biblioteca Rumiántsev todos os periódicos soviéticos e completar as Bibliotecas de Moscou e Petrogrado com revistas estrangeiras. Seguindo os conselhos de Lenine, o Conselho de Comissários do Povo estabeleceu em 1921 uma disposição especial ordenando que a Biblioteca Rumiántsev reunisse todas as edições soviéticas e que destinassem fundos para tal fim. Nos duros anos da guerra civil o Governo Soviético facilitou às bibliotecas todo o pessoal necessário para ampliar seu trabalho. Essa atitude do govêrno pode ser comparada com o procedimento do govêrno tzarista, que durante longos anos nunca atendeu aos pedidos das bibliotecas.

Após a grande revolução Socialista de Outubro a Biblioteca Rumiántsev se transformou em uma das maiores do mundo. De ano para ano a biblioteca se enriquece com milhares de livros, revistas e periódicos e essa caudal cresce a medida que se incrementa a imprensa soviética.

Um ano depois da morte de Lenine, o Govêrno Soviético deliberou que a Biblioteca Rumiántsev se transformasse em Biblioteca Central da URSS com o nome de "Lenin", tendo direito a receber dois exemplares de todas as obras que aparecessem na URSS (recebia então um só exemplar). Desde então aumentaram com maior rapidez ainda os fundos da biblioteca, cresceu a concurrencia em suas salas se intensificou o trabalho bibliográfico e a satisfação dos pedidos do Govêrno Soviético e das instituições centrais da URSS. Em 1939 foi inaugurado o primeiro pavilhão do novo edificio que ficou considerado como o maior salão bibliotecário da Europa. Em 1941, já durante a guerra, começamos a utilizar o segundo pavilhão, a biblioteca fundamental.

Durante vinte anos de seu desenvolvimento, a Biblioteca Central da URSS, que tem o nome de Lenine, se transformou em uma grande instituição científica e cultural de grande renome tanto na URSS como no mundo inteiro. A biblioteca que cresceu no diapasão do crescimento cultural do país dos Soviets, se enriquece com todos os livros novos, revistas e periódicos impressos em russo, ucraniano, bielorusso e nas demais línguas dos povos soviéticos. Durante o período soviético na U. R. S. S. apareceram livros e periódicos em mais de mil línguas dos povos do país e estrangeiros.

A biblioteca "Lenin" reuniu edições das obras de Lenine em 93 idiomas. Em tôdas as salas de leitura o público pode apanhar diretamente essas obras nas estantes. A biblioteca reuniu todas as edições da Academia de Ciências da URSS e de centenas de institutos de investigação científica, edições de obras artísticas, pergaminhos, estampas, mapas geográficos, etc.

Anualmente a biblioteca recebe mais de 100.000 livros da U. R. S. S. e do estrangeiro. Inclusive nos anos de guerra não parou o intercâmbio de livros com os estados europeus, americanos e asiáticos. Nos primeiros meses posteriores à contenda as relações culturais da biblioteca tomaram maior incremento. Em março, de 1945 a biblioteca foi condecorada com a Ordem de Lenin, a mais alta recompensa da URSS. Simultaneamente foram condecorados 59 empregados da biblioteca. Muitos deles trabalham na biblioteca fazem, 10, 30 e ainda mais anos. A Biblioteca Central da URSS que tem o nome de Lenin, mereceu essa recompensa porque, seguindo os postulados do grande gênio da humanidade, conservou com o maior cuidado o patrimonio bibliotecário do país soviético e atendeu às exigências das massas. Tem tambem ajudado ao Estado Soviético na conservação de sua herança cultural do passado e à difundir amplamente entre o povo o saber e a cultura, que depois da Revolução de Outubro passaram a ser patrimônio das massas. (Traduzido especialmente para ESFERA, do "Boletin de Information" da Legação da União de Repúblicas Soviéticas Socialistas — Montevidéo).

PODER POLITICO VERSUS PODER ECONOMICO

Humberto Bastos

Enganam-se os homens do poder político quando insistem em tarefas de desagregação do poder econômico. Enganam-se e cometem um êrro de tremendas consequências futuras. Afinal de contas, o Brasil é um país reconhecidamente pobre, contando apenas com uma fabulosa riqueza em potencial que vem se transformando em longas etapas, em riqueza social.

Os períodos mais caraterísticos de ciclos econômicos deste país se distanciam muito um do outro, constatando-se, assim, a lentidão da nossa marcha progressista. E em todos êsses períodos vamos surpreender o poder político em luta com o poder econômico para servir a interesses de grupo. Temos um caso bastante típico dessa luta, desse choque, na história de Mauá. Empreendedor, progressista no bom sentido, transbordante de patriotismo, Mauá se encontrou de uma hora para outra obrigado a retirar-se do seu país, ao qual êle tinha legado tantas iniciativas úteis, por fôrça dessa incompreensão que desejo salientar aqui.

O Estado nunca teve no Brasil um entendimento completo, claro e íntimo, com as fôrças econômicas. Êsse antagonismo se esmaece em determinados períodos para depois aflorar mais violentamente em medidas que deixam em tumulto essas fôrças.

Já um nosso presidente da República, paulista de Campinas, homem considerado sóbrio sem ser sombrio — Campos Sales — quando quís, pela obcessão financeira, consertar êste infeliz Tesouro Nacional, criou o imposto de consumo. Medida reacionária em todos os sentidos praticada de maneira empírica e imediatista, recebeu o protesto das classes conservadoras da época. E Campos Sales respondeu da maneira menos democrática possivel, dizendo que tinha fôrça para poder obrigar os brasileiros das classes conservadoras a serem patriotas. Campos Sales carrega a glória — que eu considero falsa — de ter posto em ordem as finanças. Tudo direitinho, nos seus lugares, e o Tesouro respirando folgadamente. A Fazenda Nacional suspirou, feliz!

Mas, depois verificou-se — e hoje todos os técnicos reconhecem — a estabilização do nosso surto industrial e o povo sacrificado com o tal imposto de consumo. De nada valeram as advertências das classes conservadoras. Não foi ouvido o protesto do poder econômico. Mais uma vez o Estado, para afirmar-se, para consolidar-se, tomava medidas artificiais que iriam refletir lamentavelmente no futuro do país. E êsses exemplos poderiam ser repetidos, não fosse a necessidade jornalística de não ser prolixo. Sempre que precisa o Estado toma medidas empíricas e desestimula o nosso capitalismo em marcha.

Agora mesmo podemos constatar êsse triste fenômeno. O govêrno procura enfrentar uma crise financeira com medidas de emergência e que não resolvem o problema econômico do país. Necessitamos de indústrias, necessitamos de aumentar a produção brasileira, necessitamos de meios de transportes modernizados e ampliados, necessitamos amparar mais amplamente as nossas classes trabalhadoras, numa obra ampla de valorização do elemento humano, e vem o govêrno (que criou a inflação) para adotar medidas desestimuladoras para combater a inflação.

Somos um país pobre, as nossas indústrias e o nosso comércio vivem do crédito, não se abalançam a amplas iniciativas econômicas que exigem muito capital e muita técnica. Que faz o Estado nesta situação? Estimula, ampara, assegura tranquilidade, coopera, com as fôrças econômicas em desenvolvimento? Não. O Estado se joga contra essas fôrças, cria taxas, impostos, obrigações de tôda espécie e ainda procura avançar nos lucros. Podem os E.U.A. e a Inglaterra tomar essas medidas. São paises super-capitalizados. Mas, pelo amôr de Deus e do bom-senso, não imitemos os paises super-capitalizados nas suas medidas de restrições e de limitações.

Eles têm riqueza para distribuir. E nós precisamos ainda criar a nossa riqueza.

Por que o govêrno não toma uma orientação estimuladora? Por que não discute as sugestões dos líderes industriais e comerciais? São sugestões partidas das fôrças econômicas que desejam cooperar com o govêrno e que nunca hostilizaram quaisquer providências necessárias a corrigir erros. Resta apenas que o governo dê agora um exemplo de boa cooperação e que, consolidando-se financeiramente, não deixe que o Brasil fracasse economicamente.

Sempre é muito instável (e transitório, por vezes) o poder público sem o apoio do poder econômico.

POLA, PINTORA

SARAH MARQUES

Não é por modestia não, mas digo que não entendo de arte. E não há nada que me faça mais humilde e mais pobre do que ouvir as cousas eruditas que ocorrem a amigos meus, diante de um pintor ou de uma exposição. Nessas horas, faço intimamente o solene protesto de pegar um livro, tomar um professor, aprender em "dez lições ilustradas" a discutir escolas, técnicas, influências, linha, cor, volume. Mas, diante da obra de arte, todo êsse desejo desaparece. Acho bom ficar olhando os quadros e as estátuas, descobrindo-os ao meu modo, sem saber nada além da emoção que me despertam. Como o poeta olha as rosas e as paisagens, sem nenhuma preocupação de famílias botânicas ou de composições geológicas. Daí, não tem valor nenhum para os entendidos, o que eu digo sôbre artes e artistas. Mas vale como reação do povo anônimo, dêsse povo que é a fonte e a meta última dos artistas.

Bem. Quando Pola expôs pela primeira vez no Rio, todos os críticos disseram que essa estreante, dona de segredos de técnica e de expressão, não alcançados por muitos em longos anos de labor, era pobre, incerta e convencional em pintura. Alguns, chegaram quase a dizer-lhe para jogar fora os pincéis e ficar fiel à espátula tão docil à sua mensagem. Pola recebeu muito bem a crítica. Aquele pedacinho de gente, de uma doçura além de tôdas as expressões, tem uma coragem, uma resistência, um "fair-play" raríssimos na classe. Dizia, mesmo, lendo as restrições feitas às suas telas: "Gosto de apanhar. Isso estimula".

Ora, eu havia entrevistado Pola um anó antes, logo após a revelação quase mediúnica do seu enorme talento ainda desconhecido no Rio. Mostrara-me reproduções de algumas de suas esculturas, falara-me de seus planos que, afinal, se resumem num só: ser uma grande artista para ajudar aos pequenos. Pola me dissera, também: "A escultura é uma arte pobre. Muitas vezes, sinto que ela não basta para conter o que eu desejo dar de mim mesma".

Depois, veio a exposição, em julho de 1945. A exposição que marcou época consagrando a estreiante como um valor já então imprescindível na enumeração dos nossos grandes escultores. Pois, em que pese a opinião dos críticos, a pintura de Pola me fascinou. Que importam a falta de perspectiva, a simplicidade nua das linhas, o inacabado das sombras, a secura ascética das imagens? Utrilo, Braque, Rousseau, não eram mais minuciosos, mais cheios, mais ricos. Também foram criticados. E hoje... Torci para que Pola não acreditasse muito na oniciencia dos críticos e continuasse pintando.

Em dezembro de 1945, em São Paulo, vi que a artista, tão profundamente humilde diante da opinião alheia, tão solicita em surpreender as reações provocadas pela sua arte, continuava rebelde a tôdas as injunções exteriores para seguir a voz poderosa de sua própria consciência. Mostrou-me apenas uma tela. Um grupo de mulheres cujos traços hoje se diluem na minha memória, mas cuja dor calada e absoluta se incorporou para sempre à minha compreensão do sofrimento. Lembro-me dos seus gestos de desamparo, do silêncio das mãos que se buscavam, vazias de outra oferenda além da comunhão na mesma desesperança. Pola não batisa nem explica os seus quadros; êles se lhe impõem com uma fôrça implacavel, e ela pinta ou esculpe como que atuada; sua técnica é muito diferente da de quem toma o pincel para fazer "um pôr de sol na praia" ou "a paineira da serra". Por isso, ela não me disse o sentido da composição. Eu o imaginei a meu modo; a volta da mensageira que havia ido buscar a última esperança e que chegava de mãos vazias. Tudo perdido. Horizonte fechado. Sob aquelas fontes, todas as imagens de desolação; a partida do único amigo, a perda do último refugio. E elas alí estavam, desamparadas e frágeis, aconchegando-se para sofrer juntas e guardando nos olhos e nas mãos a certeza de que o sofrimento é indivisível e incomunicavel.

Nêsse quadro eu julguei descobrir a "estranheza" da pintura de Pola, essa estranheza que tanto chocou os nossos críticos mais ilustres: a ausência de luz e de ambiente, apesar dos fundos construidos para as imagens. Pola se concentra inteira na expressão, que absorve a própria forma das suas creaturas, numa afirmação inconsciente e não procurada da eternidade e da universalidade dos seus tipos. Não pela figura ou pela condição, mas pelo sentimento dos gestos, do olhar, da atitude. Acho que êsse ponto de vista meu, poderia explicar o que ficou incompreendido na sua exposição de pintura. O gesto de ternura, de piedade, de revolta ou de submissão; os olhos perguntando: "por que?", o corpo e a alma solitários no mar da injustiça, a distância de Deus e o abandono dos homens, isso é o que importa na arte de Pola.

E quando a simplicidade de sua mensagem conseguir penetrar os nossos preconceitos suntuosos de linha e de volume, então será considerada tão grande pintora como escultora. Numa e noutra arte, ela documenta com extraordinária fidelidade o mistério da dôr num mundo sem piedade e sem justiça.

Suas figuras sem pátria e sem tempo foram recortadas na própria substância do sofrimento e se fixam no fundo de nossa sensibilidade, protestando, clamando, esperando.

IMORTALIDADE

WANDA WASILEWSKA
(Autora de Arco-Iris)

Levantou-se o vento do Norte, o vento que chegava do Mar Branco, dos imensos espaços do Oceano Glacial. Outro, precipitou-se em seu encontro, impetuoso e temperado que soprava desde o Mar Negro, desde as longinquas estepes meridionais e, ainda de mais longe, desde os calorosos desertos africanos. Dois torvelhinos se encontraram nas colinas e planicies da região de Kiev. E sobre a terra caiu uma chuva a cântaros, torrencial, que durou três dias, enchendo o mundo de torrentes de água, como se fosse verão tempestuoso em vez de inverno.

A chuva lavou a areia árida, coberta em alguns lugares por hervas secas e em outros por cardos pungentes, e descobriu os ossos brancos do crâneo de um alemão. Sob a capa fina da areia movediça apareceu uma perna alemã.

A chuva despiu, lavou bem os farrapos do uniforme alemão e o casco enferrujado. Ali estavam três vencedores arianos, donos do mundo, dominadores da Europa. Largos caminhos tinham sido atravessados por êles, tinham passado pela Polonia ensanguentada, pelos campos esmagados da França, por cidades e aldeias soviéticas em chamas.

Nas areias da região de Kiev, entre Vischgorod e Mezhgorie alcançou-os um obús vingador. Como uma tocha inflamada ardeu o tanque, uma chama nas areias de Kiev entre Vischgorod e Mezhgorie.

Fazem muitos séculos, passaram por aqui as hordas tártaras. Como uma avalanche vieram as tropas de Bati. Rangiam os carros, ressoavam no ar as vozes guturais dos palafraneiros. Atrás da planicie arenosa, no azul da distância, cintilava a cidade, florescendo em suas colinas as cúpulas douradas de suas igrejas. Ferozmente brilhavam os olhos oblíquos dos nômades. As fossas nasais inflavam com o cheiro de sangue e da fumaça amarga das casas em chamas. Como uma tocha domada arde Kiev, o sangue se derramou pelas escarpas abruptas para o grande Dniéper...

... Seis vezes, no decorrer da história ardeu Kiev, devastada pelo fogo e pela espada. Seis vezes ressurgiu de suas cinzas, se reconstruia, florescia e a brancura de suas hortas cobria-se com o verde das árvores.

E agora queimava pela sétima vez, os arianos se retiravam, os louros donos do mundo, conquistadores da Europa. Arrojavam persistentemente para o oéste os guerreiros eslavos, arrojavam os filhos de todos os povos da União Soviética.

Com dentes e unhas se agarravam os alemães a cada pedaço de terra, a cada colina, a cada arbusto. Atrás de suas espaldas, no alto, cintilavam as cúpulas domadas da cidade. A cidade que se achava em suas mãos. Uma planicie extensa, arenosa. Distante, à direita, Vischgorod, à esquerda, Mezhgonie. Logares de legendas e contos que se perdem nas neblinas dos séculos remotos.

Ali, onde estavam os areiais, como uma parede se levantavam os pinheiros, fortalecendo com suas raizes o terreno arenoso e movediço. Erguiam-se, e no alto formavam com suas ramagens, cúpulas de verdura viva. Em todos os lugares para onde se dirige o olhar, vê-se o bosque espesso, perfumado e bravio.

Agora, nestas paragens, a guerra deixou vestígios sangrentos. As cúpulas das árvores foram cortadas pelos obuses da artilharia. Na espessura do bosque foram cavadas enormes brechas pelas explosões das bombas. Erguem-se as raizes desnudas das árvores arrancados da terra pela tempestade mais terrivel que jamais o mundo conheceu. O carvão de madeira escurece os lugares em que outrora estavam as estradas das aldeias próximas e no barro do caminho se vê a palha dos telhados arrasados.

Aqui e ali, sobre a planicie arenosa, estão os tanques, se vêm os obuses que explodiram, pedaços de ferro, canhões mutilados. E parece que ainda ressôa no ar o estampido e o estrondo, o troar dos canhões, as vozes das ordens de comando, o zumbido agoreiro dos aviões.

A planicie vive, respira. Um tanque destroçado: em um de seus costados de aço se vê uma ferida aberta. Levanta-se a bôca de um canhão, como se fôra uma mão viva dirigida para o céu num arranco súbito de desesperação. A boca do canhão se perfila no céu como uma silhueta negra. Outro tanque caido do lado parece, como se respirasse com profunda dor, esforçar-se para levantar, para se pôr de pé lutando contra sua falta de forças. Atrás de uma ponte destruida, um canhão se escondeu nas sombras das minas, silenciosamente se incrustou na terra, como se quisesse esconder a ferida que o deforma.

As árvores cortadas pelas rajadas de fogo, os troncos pardos com reflexos dourados dos pinheiros atirados por terra, choram lágrimas de resina. Debaixo do cortex gretado ainda bate a vida. Ainda se conserva o jugo verde nas agulhas de suas folhas aromáticas, nos ramos desgalhados, nos brotos que não tiveram tempo de abrir-se.

Suba com cuidado pela montanha, por um caminho escarpado. Ali se encontram os obuses que não explodiram, se desalinham os rolos de arame farpado. Os alemães roubaram a beleza das margens da represa rompida — existiam arbustos de groselha negra, que cercavam estreitamente a água sonolenta. Tiraram até as raizes das árvores novas e levaram-nas como presa para longe destes logares.

Logares onde há muito, o cossaco Saporozhhie, cansado das duras campanhas, batia às portas do mosteiro de Mezhgorie para encontrar um asilo trànquilo em sua velhice. Caminhei lentamente. Alı, onde antes existiam umas eras se vêm agora túmulos. As chuvas fortes apagaram os nomes escritos em taboletas de madeira. Só ficaram as estrelas vermelhas.

Chegará a primavera e em Mezhgorie floresce-rão as violetas como floresciam cada ano. Com suas folhinhas meúdas, com suas flores perfumadas e seu aroma delicado cobrirão os túmulos. E os mortos olharão pelos olhos das violetas o verdor eterno do eterno Dniéper que corre abaixo com as suas ondas.

Fale baixo. Não interrompa a tranquilidade daqueles que morreram por sua terra, em sua própria terra. Que só faça ruido o Dniéper, já meio liberta-do dos cadáveres gelados, e que com o seu ruido cante para eles a canção da Pátria. Alguma mão amiga e carinhosa pôs nos túmulos flores de papel. Na primavera florescerão com uma vida autêntica, as violetas e os muguets. E parece que em vez dos ruidos do Dniéper se ouviram as palavras de uma canção, palavras sentidas e fortes:

"Aquele que morreu pelo Dniéper viverá sempre nos séculos..."

Já não arde Kiev. Kreschatik está em ruinas. A rua está morta? Não, não, a rua vive! Chamam, gritam, falam as ruinas. A armação de aço dos muros de concreto parece veias derramando sangue, arrancadas de um corpo vivo. Os buracos em que antes existiam janelas, parecem agora olhos sombrios, cheios de desespero.

Passe por ali numa noite de Fevereiro, úmida e de luar. Kreschatik fala, murmura, relata alguma coisa. Nas ruinas bate o coração da cidade. A rua destruida, respira. Nas ruinas jogam as sombras Kreschatik vive uma vida misteriosa, invencivel, latente.

Voltarão ao trabalho milhares de homens. Desaparecerão as ruinas. As suas casas brancas e insoladas se levantarão para o céu. Seis vezes ardeu Kiev e seis vezes se ergueu da cinza e cresceu de novo. Kiev crescerá pela sétima vez.

Florescerá a groselha negra nas margens do lago de Mezhgorie. E o bosque cobrirá suas feridas com vegetação fresca. Voltarão os homens e arrancarão das areias os tanques destroçados. Nos fornos das fábricas o ferro e o aço serão fundidos em tratores para arar a terra de ouro, em máquinas combinadas que recolham uma colheita múltipla. Nas violetas e nos muguets, nas legendas e canções renascerão os herois que arrancaram a terra natal das mãos do inimigo.

Venha aqui, contemple os três conquistadores arianos que sonhavam com o sonho do neto de Gengis-Jan, com o sonho de Batí. E trate de convencê-los: o que se encontra aqui são corpos humanos. O crâneo branco, lavado de areias pela chuva, é crâneo humano. A planta do pé, em que se conservou a carne, é um pé de homem. Este, farrapo sujo e enrugado que está perto, é um destroço de pele humana curtida pelo sol.

Sente-os comovido? Não. Olha para tudo isto tranquilamente como uma cousa, como se não se tratasse de um ser humano, como uma cousa que deve estar morta.

Alí, distante, no país triste e sombrio dos conquistadores ários, pode ser que espere uma greta ou uma holta, lavando os vestidinhos infantís ensanguentados, mandados daqui. Pode ser que ela escreva uma carta sentimental e coloque nela um miosotis dissecado.

E' somente uma cousa morta.

Renascerá Kiev com suas casas amplas e luminosas, nas canções e nas legendas nascerão os heróis mortos por sua terra. Renascerá o bosque com novo verdor. Os tanques e canhões, transformados em tratores, renascerão nos campos cheios de forças novas.

Só os três não nascerão. Não são mais do que uma cousa morta.

Reviverão as cidades e as aldeias. Reviverão aqui, na terra polaca ultrajada pelas botas alemãs, e ainda mais longe, em todos os lugares onde tenha passado a avalanche de ferro da guerra. E em toda parte, nas canções e nas legendas renascerão aqueles que cairam pela terra querida. De seus corpos brotarão flores e espigas, de suas façanhas brotarão a liberdade e a felicidade.

Só os conquistadores arianos nunca renascerão em suas tumbas. Seus ossos se converterão em pó e cinza, em areia árida. Sobre eles não crescerá a herva daninha nem existirá a herva sêca. Tudo porque são somente uma cousa morta.

(Traduzido para ESFERA de "La Literatura Internacional" — Moscou).

Formação de um ficcionista

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

1 — INICIAÇÃO

Seria um balanço crítico que faria eu, dando contas de uma formação a cutelo. Poria a culpa dessa formação no meio ambiente e no péssimo estado social e econômico de meu país. Filho de trabalhadores, de operários que percebiam ordenado miserável, isto durante mais de dez anos, mal pude cursar dois ou três anos da escola primária. A situação econômica do operariado em geral era das piores possíveis e seus filhos, como ainda hoje, antes de alcançar a juventude, viam-se obrigados a ajudar os pais no ganha pão. Isto determina uma afirmativa exquisita: — a de que trabalhadores, principalmente no sertão e no nordeste, fabricavam filhos para jogá-los o mais cedo possível no trabalho, transformando-os em fonte de renda. Não fugindo à regra, antes dos dez anos eu já era aprendiz de qualquer coisa. Aos doze, trabalhava como um adulto e a renda para as despesas domésticas aumentou um pouco. Assim acontece com todos. Mal conhecendo as cartilhas de primeiras letras, somos jogados para uma nova vida sem a preparação necessária. Às apalpadelas, buscamos a verdade e o justo, sem ter uma idéia mais ou menos aproximada do que seja moral ou amoral, digno ou indigno. Alcançamos a juventude expostos a tôdas as influências; e quase sempre somente as más influências que atuam. A maioria segue os passos dos pais, tornam-se dignos operários a perceber salários indignos. Uma minoria, porem, com a vocação estrangulada pela necessidade que impera no lar de cada um, vê-se obrigada a exercer atividades para as quais não teem nenhuma aptidão. Há nisso um sentido muito trágico. Tive, desta forma, minha vocação estrangulada. Não sei bem para o que tinha eu vocação, mas estou certo de que não era para literato.

2 — LUTA

Vi-me encalhado como tipógrafo, aos desesseis anos, sem saber ler e aí teve propriamente inicio minha carreira de escritor. Se o aprendizado de tipógrafo não rendesse o quanto meu pai precisava a mais por mês, teria me rebocado para outras ocupações, que a renda o satisfizesse. Esse é outro particular contra a vocação do jovem filho de operário, muito acentuado há uns anos passados, principalmente no norte. Sem ter auscultadas preferências, apenas vendo o interesse imediato, são colocados nesta ou naquela ocupação não importa qual, contanto que perceba melhor ordenado que nos demais. Tenho um irmão mecânico, não por vocação, mas sim por imposição de uma situação que para sua minoração oferecia apenas uma saida. A única vocação que vinga, na familia dos trabalhadores do nordeste, dos campos ou das cidades, é a de "cangaceiro". Talvez essa fôsse a minha, quem sabe? Contudo, como tipógrafo, tive um inicio de caminho. Com o avanço da idade, fui tomando conciência de minha situação e comecei a me esforçar no tocante a aumentar meu cabedal de conhecimentos. As leituras vieram, desordenadas, sem programa, intoxicando-me. Cheguei a revisor, já escrevia então, mas continuava na luta de aprender. Todos nós, sem possibilidades de cursarmos coisa alguma, retornamos aos livros e partimos de um ponto muito alem do que realmente deviamos partir. Anos e anos depois aquela falha trás sérios embaraços para a compreensão de certos problemas e questões primárias. E' o que vem acontecendo comigo.

3 — INDAGADORES

Sei bem o que é a tragédia do auto-didata. Isto é, a tragédia de seus primeiros passos. Estou a dá-los, agora. E vou às apalpadelas, tràgicamente aos tombos, ressentindo-me de um conhecimento sistemático de várias matérias que um ficcionista deve dominar. E esta geração a que pertenço tem muito disso. Todos somos uns indagadores. Pior seria se fossemos uns imitadores e não tivessemos nenhuma perspectiva. A maioria dos jovens da minha idade, componentes desta geração de após 1930, estreou nos últimos quatro anos, indagando como diabo, quase mergulhando na auto-destruição se não são os jovens da "geração paulista", que passaram pelas universidades, que fizeram indagações em melhores condições do que nós, nordestinos que arribamos para a Capital Federal para ganhar o pão, estudar porcamente mal e escrever. Os "paulistas" cientificamente orientados diziam: "... o verdadeiro grande problema a nós transmitido pelas gerações passadas tem sua origem nas descobertas científicas dos últimos cinquenta anos".

Pobre de nós, no nosso esforço e na nossa indagação para saber quais foram todas as descobertas científicas dos nossos avós. Pobre de nós, jovens de vocação torcida e auto-didatas a escrever procurando um equilibrio. Eles indagaram e receberam a resposta sobre outros problemas, eles os "paulistas", senão vejamos: "Nós precisamos de crítica. Crítica que faça um tardio mas imprescindivel balanço dos valores do passado. Crítica que analise as condições e as tendências atuais". Por intuição, pobres capengas em cultura respondemos que sim. E nisso ficamos. Mas os "paulistas" fizeram isso por nós. E ficamos à sombra. Culpa nossa? Não, pois muito quizemos caminhar ao lado deles. Vem outro de lá, is-

to é, formado lá, e exclama positivamente certo, parecendo que visando a gente, que descambamos para a ficção, mas que continuamos com o germe da indagação sistemática e cientfica:

"Um dos sinais mais significativos do período de desorganização social que atravessamos é esta tendência para questionar todo mundo, numa ancia desesperada de entender a confusão". Hoje, com muletas, amanhã com pernas mecânicas, depois milagrosamente sãos, os auto-didatas vamos destruindo nossas falhas, acumulando uma cultura científica, nada didática. Escrevemos muito, muito, errando horrorosamente. Mas avançamos, inexoravelmente.

4 — EXPERIENCIA

Este é o meu caso particular e, com menores ou maiores variantes, o caso de uma maioria. Esta geração está dividida em dois grupos — os "paulistas", moços de cultura sólida e de vastos conhecimentos no terreno das ciencias; os nordestinos, auto-didatas ficcionistas ou poetas, jornalistas ou simplesmente literatos. Entre os últimos me situei. E como os últimos venho agindo e acho que evoluindo, na sombra ou não dos "paulistas". Como diz Sergio Milliet, isto a propósito de meus dois primeiros livros, "Sete palmos de Terras" e "Agonia", venho evoluindo através da delimitação voluntária de meu objetivo. Eu não tinha conciência disso. Mas o crítico me apontou algo. E agora procuro me explicar a mim mesmo, aproveitando este balanço crítico. Nos últimos três anos, período em que escreví três livros, venho me impondo uma disciplina e um programa de estudos que veem me revelando coisas que me dão portanto comichões para experiências. "Sete palmos de Terra" foi experiência e como tal logicamente, mesmo sem eu tecnicamente determinar, saiu delimitado. "Agonia" e os contos enfeichados no segundo livro que lancei, tambem foram experiencia, mas experiência que pegou, segundo carta de amigo. Não sei. Já em "Solidão nos campos", inédito e em vesperas de ser editado, a coisa passou de experiência. Se fracassei, é mal... Apesar de tudo, ganhei uma coisa: "experiencia". Meus companheiros de geração e luta, como Jorge Medauar, Alina Paim, Herberto Sales, Paulo Dantas, Antonio Rangel Bandeira, Emo Duarte e outros viveram assim tambem um grande periodo de experiência, que veiu determinar a entrada de muitos de nós no Partido Comunista. Caminhamos no nosso auto-didatismo para Marx, Lenin, Stalin e Prestes. E das teorias e dos experimentos políticos e sociais destes homens, tiramos uma força que nos impulsiona para a frente. Estamos diante de novas perspectivas, rasgando horizontes mais amplos, não indagando agora, mas respondendo indagações. Caminhamos para a frente, apoiados numa teoria de vanguarda que é uma fonte perene. Nunca, porem, deixará de nos fazer falta a educação filosófica que não tivemos. Dariamos outra amplitude às nossas idéias estéticas.

FICHAS DE LINGUAGEM

MOTA COQUEIRO

MARTELO

"Chupitar a própria feito em martelo de pinga, é delicioso". (Mário de Andrade, "O turista aprendiz", no Diário Nacional, de São Paulo).

"Martello, s. m. medida de capacidade usada para líquidos. *Um martello* de cachaça dá para embriagar muita gente" (Padre Teschauer, "Novo Vocabulário", Porto Alegre, 1923).

Esta definição do Padre Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, do opúsculo "Léxico de Lacunas", do sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o sr. Taunay não escolheu bem o exemplo, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, geralmente um copinho, cujo conteudo, qualquer páu dágua pode tragar em poucos goles.

O "Novo Dicionário", 1925 e depois dele o "Dic. Contemporâneo", 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: — "a quantidade de aguardente que cabe num copo pequeno". Aqui foi tomado o conteúdo pelo continente: — o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente como de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitemos a oportunidade de observar que a escrita *martelo,* com um *éle* só, justifica-se perfeitamente, ainda mesmo em ortografia etimológica.

ACOCHADO, COCHADO, ACOSSADO

"... o Currupira corria mais que ele e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro" (Mário de Andrade, "Macunaíma", S. Paulo, pág. 24). O sentido que aqui se abona, do adjetivo verbal *acochado,* não foi, ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabulários da língua, apesar de ser corrente no dialeto de São Paulo. Um veado, por ex., está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz *cochado* no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocabulário é uma corruptela de *acossado,* por influência da respectiva forma do verbo *cochar,* torcer, que é de uso vulgar.

CRONICA

ALVES REDOL

Pelos campos há papoilas e malmequeres.

E o vermelho das popoilas e o amarelo dos malmequeres põem nos campos manchas vivazes, como as estrelas a pintalgar a noite.

As andorinhas já vieram dizer aos homens que o inverno passou e a lenha não é precisa mais na lareira.

Nas pernadas despidas das árvores, a clamarem em silêncio a sua desolação, já se agitam grinaldas de folhas.

E as folhas ciciam aos homens que a abundância vem aí.

E a paz também .

É que pelos campos há papoilas e malmequeres.

É que os homens já adubaram a suor as terras das planícies e das encostas. Levantaram-se e cavaram, de sol a sol, e até pela noite fora, as enxadas robustas e aduncas a ferir e a revolver a crosta dura. E os alqueives ficaram à mordacidade do sol e à inclemência das chuvas.

E o semeador lançou a mão cheia de grãos por sôbre a terra já desfiada, como uma benção.

É por isso que os campos estão atapetados de retalhos verdes.

E nos retalhos verde dos campos há papoilas e malmequeres.

Mas os homens não ouvem que as folhas lhes ciciam que a abundância vem aí.

E a paz também.

Os homens não entendem mais o ciciar das fôlhas.

Elas dizem coisas de poetas e os homens sabem que muitos poetas se esqueceram que eram homens.

O sol anda cá fora a chapinhar nos campos, a brincar nas alturas, mas não lhes entra na choupana, onde tudo é sombra — onde tudo é noite. O sol fica-lhes à porta, como aqueles senhores que receiam macular os corpos escorreitos de fadigas na desfartura dos seus casebres.

O sol não se quere sujar também — e os homens desconfiam que o sol é doutra classe.

Os campos estão verdes, em promessas de espigas anafadas, mas êles sabem que depois da ceifa tudo se acaba.

Fica só a resteva que serve aos gados — e os gados que êles apascentam são dos outros.

As messes bastas que a debrulhadora tragou, levam-nas os carros, e só voltam em escassos sacos que endurecem nos alforges, pois pão mole leva menos voltas e a jorna não chega.

Por isso os homens não se alegram pelos campos estarem atapetados de retalhos verdes.

Nas frondes há sombras acolhedoras e ervas altas, onde os corpos podiam repousar. Ali as cabeças adormeceriam ódios e as bôcas cantariam paz.

A vida seria bela, se os homens pudessem ficar ali, em descanso de fadigas, abrindo o coração aos outros homens como as flores se abrem ao sol.

E as flores têm perfumes que vogam no ar, de mãos dadas com o assobio do melro, o grito do gáio e os pipílios da pardalada.

Mas os homens quando passam de enxada ao ombro, rostos endurecidos pelas angústias, cansaços a arfar nos peitos abertos, não sentem os perfumes das flores.

Mais poderoso vem-lhes da camisa ensopada o cheiro acre dos corpos suados pela labuta de todo o dia.

E aquele cheiro acre anda de mãos dadas com as suas canções que entoam para matar desalentos.

"O' minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?"

E o rumorejar caricioso da ramaria diz coisas de poetas — de poetas que se esqueceram que eram homens.

O éco daquela canção vai até aos pássaros, mas os pássaros não a entendem.

"Trabalho, mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu."

Derreados, rilham à porta o naco duro.

As estrêlas no céu lembram-lhes esporas de campinos que subissem lá acima feitas de luz.

A grilada aborrece a noite com o seu zangarreio monótono.

Os rapazes lá dentro, em casa, choramingam pela ceia.

E as meninas débeis, que já foram à ceifa, têm tosses tão fundas, que nos rostos amarelecidos se desenham flores vermelhas.

Então os homens se lembram que pelos campos há papoilas e malmequeres.

Mas aquela recordação não lhes diz que a abundância vem aí.

E a paz também.

Os operarios escrevem

ORAÇÃO À PÁTRIA!

CRISTINO NONATO

PÁTRIA! Nascí de ti, num barraco do Norte,
Onde, ao abrir o olhar, em vez da vida, a morte
Me espreitava no horror da miséria ambiente!
Ao leito em que vagí, sob taipas em ruina,
Associei meu sêr. — Prendi a minha sina
À tragédia sem par da tua própria gente!

Desde o berço viví essa tragédia amarga...

— Eu via junto a mim, como burros de carga,
Os teus homens rurais sem camisa e sem pão,
Carregando no andor nossos barões feudais
Nossos nobres mirins, nossos condes papais,
"Chefes" e "coronés" — donos do teu sertão.

Mas, enfim, compreendí que o Estado existente,
Pátria — não eras tu! Esse Estado inclemente
Era, como inda o é, um poder coator,
Que se serve de Deus — e que exibe Jesús,
Suga o sangue e o suor — préga o Homem na cruz,
E lhe promete o céu se êle grita de dôr!

* * *

PÁTRIA! Não eras tu! Ó Deus!... Também não eras...
E o Mundo se me abriu como um pátio de féras,
— Num novo Coliseu — um outro Néro novo!
Ó, tu — concepção política sagrada,
Estavas, como estás, inda desvirtuada,
Qual no tempo dos reis... Pátria, tu és o povo!

O povo do Brasil, da cidade e do mato,
Que o petróleo possue nos poços de Lobato
E começa a compreender porque o tem e o não tem...
O povo de Paris — o "partisan" altivo
Que fuzilou Laval — que mantém Pétain vivo,
Prá que chegue ao porvir o labéu de Pétain.

* * *

Tu és a terra, o céu, o ninho, e o passarinho
Que no seu ninho amou e, ao deixarem o ninho,
Os frutos do seu sêr, os ensinou: "Ouví!
Outros pássaros há, aves cruéis, de rapina,
Matar-vos-ão... Fugí dessa espécie assassina!
Cantai, mas vigiai. Agora, adeus. Partí...

Teus filhos são tal qual as avesitas... Inda
Nem bem se alçam ao céu, à amplidão infinda,
Espreita-os o olhar de seus grandes rivais:
— Não é seu "seu país..." Nunca deixaram, nunca
De jungí-los à dor, co'a fria garra adunca,
As águias de Albion, de Tio San. — Jamais!

Sim... Porque tens em ti Lights, Leopoldinas...
Tu não possues siquer o ouro das tuas minas,
E um pedaço de ti, tinha-o já, o Japão:
Em tua capital domina o Vasco... E o Norte,
Esse, então, não é mais "antes de tudo um forte",
Sofre de estranho mal, sofre de "escravidão"...

— Escravidão rural, material, total,
Miséria de viver sob o guante do mal,
Agonia de ser... Ânsia de ser ninguém...
PÁTRIA, agora tu vês o "Estado Novo", — a sorte
Em que vives no Sul e vegetas no Norte!
— Matam-te, devagar. — Antes, mata-te alguém...

* * *

Alguém, a traição, os fariseus "patriotas",
Doutores, coronéis, lúcidos ou idiotas,
Concientes ou não, todos porém culpados
De que vivas assim, como colônia eterna
Do "yankee" e do inglês, quando, na era hodierna,
O Socialismo — um sol, já ilumina Estados!

Vê! E' 21 de abril... Uma parada... Em fila,
Há rubros pelotões. A Especial desfila
Frente à estátua do Herói do Brio e da Altivez...
— E' um crime, Brasil! E' mais que um crime... A História
Manchar-se-á demais co'a pantomima inglória
De cinismo sem par do espírito burguês.

PÁTRIA, lá dentro há mais! Lá dentro um vulto augusto
Levanta-se, por ti! E te defende, a custo,
Da hipócrita grei do falso patriotismo
Que "trinta e sete" fez — e agora inda o aprova,
Na ânsia vã de deter dos tempos a lei nova
E outra vez te entregar ao monstro do fascismo!

Os Operarios escrevem

Tenho nas mãos uma esfera. Não é uma esfera na sua forma geométrica conhecida. Também, Talvés não fique bem eu dizê-lo, mas há qualquer cousa de sagrado nessas linhas escritas por êsses trabalhadores. Pois não representam elas, muitas vezes, se não sempre, um sacrifício, elaboradas nos momentos em que deveriam descansar?

Mas é preciso que o exemplo seja dado; que o espírito do trabalhador se aclare, que os seus companheiros se estimulem em seus esforços e boa vontade.

Pais e filhos, trabalhadores nacionais, poderão fazer jorrar ali as criações do seu espírito.

Ali os trabalhadores terão os seus passos literários guiados, ca-

EU TE BATISO...

PAULINO DE OLIVEIRA

não sendo uma daquelas bolas de cristal através da qual os adivinhos vislumbravam cousas passadas e futuras, todavia em seu bôjo vêem-se cousas admiráveis. E' uma esfera de forma retangular, por ser uma revista que assim se denomina.

Revista que abriu as suas páginas como as pétalas de uma flôr para receber em seu seio o pólem fecundante da palavra do trabalhador.

Folheio-a e paro no ponto que mais de perto me interessa: a nova seção recem-criada e denominada "Os operários escrevem".

Leio os artigos dos meus colegas e alegro-me.

E' alguma cousa que surge. E' como se um novo sêr viesse ao Mundo, nascido do ventre daquela revista.

E' um tabernáculo aonde os que não sendo profissionais da pena, mas que nos intervalos de seus labores rabiscam os seus pensamentos, poderão levar as suas orações, sem pretensões nem vaidades, mas com o contritamento sincero com que os antigos crentes levavam aos templos sagrados as suas oferendas de sacrificio.

rinhosamente, pelos caminhos das artes.

. . . .

Fecho a revista e os olhos e deixo o meu espírito sobrevoar as emoções que acabo de sentir.

Pressinto uma solenidade naquelas páginas.

O debuchar de um quadro, pouco a pouco, se me apresenta.

Vejo um sacerdote paramentado com uma roupagem feita com as mais belas criações literárias do mundo.

— E' o Sacerdote das Letras, informaram-me.

Aproxima-se sorridente. Ouço-o dizer:

— "E' preciso batizar o inocente que nasce predestinado para o bem".

Vejo-o tornar das palavras componentes dos artigos estreantes, misturá-la na pia batismal e à guiza de água benta, aspergi-las sôbre a cabeça do novo sêr, enquanto pronuncia solene:

— "Eu te batizo em nome do pai, do filho e do espírito do trabalhador nacional".

Murmurios, sorrisos, cumprimentos. São as outras seções da revista que saudam alegremente o neófito que ingressa com elas, no caminho da vida.

Aproximo-me, tambem, entusiasmado, para apresentar os meus votos, e... a ESFERA rola-me das mãos. Rápido, busco evitar-lhe a queda. Abro os olhos. Acordo. Estou sentado no banco de madeira de uma composição elétrica da Central do Brasil, rumo ao lar.

Cansado do trabalho, adormecera, após a leitura do novo empreendimento da revista e sonhara, embalado nas divagações do meu espírito.

E ainda dizem que não há esfera quadrada e que não cai das mãos de ninguém.

MINHOCAS...

Não gosto que matem as minhocas.

Elas, também, são utéis. Vivendo no estêrco, mostram-nos o lugar onde a terra é mais generosa. Inofensivas, podem, quando muito, causar-nos asco. Males, porém, não nos causam. E faz-me pena vê-las, no seu rastejar rente ao solo impuro anciando por se avultarem tornarem-se serpentes, depois mamíferos, talvez chacais, sem nada mais conseguirem ser senão miseras minhocas, sem vértebras, sem cérebro, sem coisa alguma...

Não gosto que matem as minhocas.

Olhando-as sinto a imensa satisfação de ser humano, de poder amar a natureza e os meus semelhantes, e o sádico egoismo de poder ter pena das minhocas... porque as coitadinhas, rastejantes e asquerosas, não desfrutam o bem supremo de saber quanto é bom amar a todas as criaturas que nele vivem!

Não gosto que matem as minhocas.

HENRIQUE GUANABARA

GOYA, pintor popular

Louis Parrot.

De todos os grandes pintores da Espanha, Goya é sem dúvida o mais amado, o melhor conhecido na própria Espanha. Sua obra tão vasta se presta a interpretações múltiplas e satisfaz os espíritos mais diversos. Quando o museu das missões pedagógicas se detinha em uma pequena aldeia de Castela os camponeses mais atrasados se dirigiam em primeiro lugar para as reproduções de suas grandes telas madrilenas, "Os Fuzilados do Dois de Maio" ou as quermesses do Manzanares.

O que amamos em Goya é esta extraordinária brutalidade em relação a tudo que toca à sua arte. E', o primeiro, a recusar os entraves que submetem os escritores e os artistas à classe dirigente. Dá ao artista o sentimento de sua independência e de suas responsabilidades. A uma sociedade que obriga o artista a uma hipocrisia permanente opõe sua ardente sinceridade. Contemporâneo de tantos acontecimentos importantes, aos quais êle próprio toma parte ativa, sua obra devia ser influenciada por êles. Nenhum outro artista antes dele se misturou com tanto ardor à vida de sua época e é exprimindo-a em sua totalidade que a ultrapassa em pleno conhecimento de causa.

Antes dele, na bela e sombria época do século de ouro, Greco nos dá uma imagem incompleta da velha Espanha de Felipe I. E' o contemporâneo dos cavaleiros toledanos, dos grandes senhores cultivados, protetores das letras, a quem o obscuro Cervantes dedicava respeitosamente suas novelas, mas é necessário que o artista saia das atribuições que lhe são impostas. Mais próximo dele, está Velasquez, pintor de uma sociedade satisfeita. Os dois ilustres artistas estão ligados à sua época. Sua arte está a serviço de uma sociedade que desprezam, mas que os domina. Com Goya, a arte retorna à sua liberdade e as obrigações que o artista se impõe são desde logo livremente consentidas.

Seu talento, e talvez mais ainda a audacia sem par com o qual consegue se impor, asseguram à pintura uma "revanche" sobre esta época em que os "artistas não eram mais do que diversões do monarca". Sua obra é uma vingança contínua sobre o conformismo, tanto pelos assuntos que ela trata como pela cor mesmo, côr violenta e provocante à qual Barrés preferia sem dúvida os tons mais doces do místico Greco. E' uma pintura de homem do povo. Do povo, tem rudesa, a generosidade castigada e esta elegância que as pessoas da boa sociedade desesperam em vão de adquirir copiando-a (e isto mais particularmente na Espanha). Gosta de escandalizar. Aos 5 nobres que lhe pedem cartões frívolos, grava os *Desastres da Guerra*. Ao clero que se opõe ao estudo do nú e mutila as estátuas antigas, oferece esta surpreendente "Maja desnuda", para a qual, veio posar a duqueza de Alba, téla célebre que é sem dúvida o mais belo nú da pintura espanhola.

Goya nasceu em 1766 e morreu em 1828, no exílio, em Bordeaux. Em boa hora, o camponês aragonês tinha conseguido conquistar a côrte madrilena. Impõe-se ràpidamente ao rei, que o nomeia seu pintor oficial. A nobreza o procura e a crônica conservou o nome de algumas de suas conquistas. Mas a riquesa em que vive até à época das guerras napoleônicas, não lhe faz esquecer suas modestas origens. Permanecerá toda sua vida o pintor incorruptivel que é desde sua volta da Itália onde passou algum tempo como todos os pintores de então. Nada lhe é mais caro que esta liberdade de expressão que leva até seu extremo limite e da qual parece se excusar com uma sorridente ironia. Se peca, é sempre por excesso de verdade, é porque é muito verdadeiro. As grandes telas da familia real ou os retratos do monarca são admiráveis documentos da mediocridade de seu ambiente e do humor com que executa seus protetores.

Goya deixa poucas telas de temas religiosos. Quando quer tratar de um assunto piedoso, seus personagens se assemelham às criaturas que Baudelaire chamava mais tarde de seus "anjos máos." Seu grande talento se exprime com maior segurança nas pinturas de temas populares: festas de aldeias, casamentos, procissões. Goya é um admirável pintor de costumes. Em suas telas famosas, o "Entierro de la Sardina", "La Pradera de San Isidro", exprime como ninguem tinha feito antes, o sofrimento e a alegria ingênua da gente do povo, artesãos madrilenos, camponeses castelhanos. Mas o grande conhecedor do povo não cai nunca nos excessos dos pintores flamengos quando pintam o povo. Veja-se a diferença entre as quermesses de Rubens e as festas campestres do pintor espanhol.

Goya sabe ser anedótico sem deixar de ser grave. Do burlesco de alguns de seus heróis, transparece uma constante inquietude. Os inúmeros personagens de suas pinturas jamais se abandonaram ao "prazer de viver".

Toda alegria nutre uma tristeza que a torna grave e mais humana. E' por isso que Goya é um grande espanhol, como os escritores do século de ouro ou os

LITURGIA

As enxadas cantando sôbre a terra,
são teus sinos, risonha religião!
Eu entrarei no teu altar grandioso, ó Vida!
Celebrarei de joelhos teus mistérios grandes,
Ó Terra! Mãe castíssima do pão!

As mulheres de lenço na cabeça passam.
Vão descalças e trazem no avental o grão;
seguem o homem que vai, curvo, ferindo a terra;
seguem o boi que vai traçando um sulco sobre a terra
e estendem, augurais, os braços de semeadoras,
celebrando em teu culto, ó grande mãe Terra-Cibele,
o sacrifício e a comunhão!

A solidão dos campos são teus domos,
em que oras, lavrador, tendo a enxada na mão.
No teu rude ritual, em que veneras a alma terra,
tua filha te segue, e o teu burro, e o teu cão...
E o solo, que abençoas, vai-se abrindo,
florido e festival, sonoro, alado e lindo
na vitória eucarística do grão!

As choupanas da serra são ermidas
e as mulheres alí sacerdotizas são...
Elas trazem ao colo o filho que amamentam;
tu brotaste a semente sob o chão...
E ajuntais num só culto a Vida e a Terra,
— No prodígio da carne que dá vidas;
no milagre da terra, que dá pão...

ALMEIDA COUSIN

(Dos "Poemas da Terra e da Vida")

---

místicos. Da mesma forma que Santa Tereza d'Avila escrevia suas confissões em linguagem a mais popular, Goya, em seus desenhos e suas telas de assuntos os mais populares, não se separa nunca de uma austéra espiritualidade. A toda criação do espírito espanhol está sempre misturado o gôsto da morte que Miguel de Unamuno chama o sentitmento trágico da vida.

E' na pequena Capela de Santo Antônio da Flórida, que repousa o corpo de Goya. Bem perto passa o rio Manzanares, que o grande poeta Lope de Vega dizia profeticamente que se tornaria "o rio mais glorioso do mundo".

O pintor tinha decorado o interior do edificio com afrescos de assuntos religiosos para os quais as jovens dos quarterões operários vinham pousar. E' em Santo Antônio da Flórida que se reunem cada ano milhares de madrilenas. Perto da capela de Goya se realiza a mais célebre das quermesses espanholas, a "Verbena de la paloma".

Hoje, o túmulo de Goya está sepultado sob um monte de cinzas. A Capela de Santo Antônio serviu de alvo para os generais analfabetos. Durante dias, sua artilharia se empenhou em dispersar as ruinas. Tão tremenda e cruciante irresponsabilidade que se mistura aos mais frios cálculos dos "nacionalistas" pode explicar em parte alguns de seus atos, e a destruição da Capela de Santo Antônio é a prova de seu desiquilibrio mental. Nada justifica melhor esta legenda que Goya amava reproduzir em algumas de suas aguas-fortes: "O sono da razão cria monstros".

A GRANDE CULTURA ESLAVA

D. SCHOSTAKOVICH
(Autor da famosa sinfonia de Leningrado

De há muito estão refutadas as opiniões fantásticas dos ignorantes pensando que a cultura musical do mundo eslavo não é mais do que um ramo secundário da música européia. Durante muitos séculos, especialmente nos séculos XIX e XX, os músicos eslavos demonstraram o direito que tem sua arte a um significado histórico eterno. O posto independente que tem a música eslava está assegurado na Rússia por Glinka, pelo "Grupo dos cinco", por Chaikovski. Na Polônia, Chopin, na Checoslovaquia, Smetana. Todos fundaram escolas criadoras de grande originalidade e que tiveram influência no desenvolvimento de tôda a arte musical dos últimos cento e cinquenta anos.

Não é preciso ir muito longe para encontrar exemplos. A influência de Chopin na música para piano é bastante conhecida. Em nossos dias, mesmo depois de quase um século de sua morte, é dificil citar um músico que no período de sua juventude, de seu desenvolvimento artístico, não tenha sentido a influência poderosa da música de Chopin. E' conhecido tambem o grande papel que Musorgski desempenhou na formação do impressionismo francês. Desde há muito é uma velha verdade elementar o fato de Rimski-Korsakov ser um dos iniciadores do estilo moderno orquestral. Examinando as obras de Debussy e Ravel, dos sinfonistas alemães modernos, dos representantes da música sinfônica italiana, em todos se pode ver reflexos evidentes da influência do admiravel maestro russo, autor de "Scherezada" e "Capricho espanhol". Rimski-Korsakov e seu discipulo e continuador (nos principios da instrumentação) I. Stravinski, são mestres da pintura orquestral de tôda uma geração de músicos.

Pessoalmente, estou absolutamente convencido do significado extraordinário que as partituras de Chaikovski têm para a concepção moderna da orquestra. Diferente de Rimski-Korsakov, não deixou para o ensinamento das gerações futuras uma obra pedagógica tão capital como as famosas "Bases da instrumentação musical", porem, qualquer ópera, qualquer sinfonia de Chaikovski é um tesouro inesgotavel de sabedoria, uma alta demonstração de como se deve utilizar os meios de uma orquestra sinfônica.

Rimski-Korsakov e Chaikovski desenvolveram na música russa e mundial as tradições do gênio de Glinka. As idéias de Glinka sobre a instrumentação só foram expostas em umas páginas, porem talvez constituam o que há de mais profundo e fino de tudo o que se tem dito sobre a arte instrumental.

O papel dos músicos russos na história da arte sinfônica do periodo post-beethoviniano não termina, naturalmente, com o estreito domínio da forma. A época da arte sinfônica iniciada por Beethoven deu à humanidade uns músicos tão extraordinários como Berlioz, Liszt, Wagner e Malher.

Contudo, foi precisamente um compositor russo, o eslavo Chaikovski quem mereceu a honra de ser o verdadeiro continuador de Beethoven. A profundidade filosófica do estilo sinfônico de Beethoven, Chaikovski intensificou pela paixão lírica, pelo alto grau da concreção na forma de expressar os sentimentos humanos mais intimos. E isto faz com que suas sinfonias — o gênero mais complicado da arte musical — sejam compreensiveis e fáceis para as massas populares.

Aí, encontrou sua expressão um dos rasgos mais admiráveis da música eslava: sua relação intima com o povo, com as suas idéias e sentimentos, com as imagens criadas pela fantazia popular, com a criação do povo no sentido mais amplo da palavra. Isto faz com que a música dos grandes compositores eslavos seja tão estimada por todos. Entre os gênios da arte musical do mundo é dificil enumerar artistas mais conhecidos e mais amados do que Chopin e Chaikovski. Provavelmente em nosso planeta não existe um pianista para quem as obras de Chopin não formem a base de seu repertório e que não sonhe com a possibilidade de ser o intérprete inspirado da música chopiniana.

Não se pode adimitir que no mundo exista um teatro de ópera — na Europa ou na América, na Asia ou na Australia — onde não se cante a "Dama de espadas", "Eugenio Onegin", onde o auditório não ouça com admiração e entusiasmo as árias imortais de Lenski e Guerman, de Tatiana e Lisa, Vou recordar tambem quantos admiradores fanáticos tem no mundo o autor de "Boris Gudonov" e de "Jovantchiva".

O rasgo nobre da cultura eslava consiste em que defendendo com

ALTITUDE

Mais alto!
— Asa metálica rasgando os horizontes velhos...
Elevação!
— arquejar de motores na subida difícil...
Depois, o mundo mais apertado
no abraço estreito dos nossos olhos.

Altitude
— triunfo da raça nova
que nasce ...
esfôrço de máquina,
compasso de hélice,
asa que se eleva e agita
como um galhardete de conquista.

JOAQUIM NAMORADO

Portugal.

orgulho sua independência, reconhece ao mesmo tempo e assinala, os alcances culturais de outros povos. Esta tradição tem muitos anos. Não era por acaso que Mozart sofrendo em sua Viena natal a tragédia da indiferença, era recebido como triunfador em Praga, a capital checa, a velha cidade eslava. A genial "Missa solene" de Beethoven foi tocada pela primeira vez na Rússia. Hector Berlioz, que na Europa ocidental, durante sua vida de músico não lhe prestaram grande atenção, foi precisamente na Rússia que teve seus méritos apreciados. Seus concertos na capital russa foram provavelmente a única verdadeira satisfação artística que recebeu durante sua vida o admiravel compositor.

E não somente no domínio criador, mas tambem nos demais terrenos da arte musical, sem exceção alguma o mundo eslavo soube demonstrar o seu gênio artístico. Petrov, Stavinski, Chaliapin, Nikish, Napravnik, Verjibilovich, Davidov, Jeifetz... se se deixa de lado a tribu de musicastros da Alemanha hitleriana, que músico não pronuncia com orgulho estes nomes?

Nos paises eslavos nasceram as admiráveis escolas da pedagógia musical tais como as de Chaikovski, Rimski-Korsakov, Tanev, Antón e Nicolas Rubinstein, Leschetitzki, Auer, e de muitos outros destacados educadores dos jovens talentos musicais.

A teoria da música é gloriosa pelos nomes de Stasov, Serov, Larosch e de nosso admiravel contemporâneo Igor Glebov (B. V. Asafiev).

Nossos dias, fecundados pelas idéias da nova época soviética, continuam às grandes tradições da música russa eslava. Nosso país tem músicos tão destacados como N. V. Miaskovski, S. S. Prokofiev, V. A. Shaporin, que são os representantes de mais talento das gerações jovens de compositores russos.

Negar o significado da cultura eslava é absurdo. E' uma invenção sórdida dos bandidos para ocultar de algum modo os crimes, especialmente que comete o fascismo contra os povos eslavos. Ao lado de tôda a humanidade culta acusamos os criminosos alemães fascistas de serem uns vândalos. Ultrajaram o lugar sagrado do povo russo, Iásnaia Poliana. Pisaram os manuscritos de Chaikovksi, em Klin. Destruiram em Tijvin a pequena casa em que nasceu Rimski-Korsakov.

A cultura dos povos eslavos é perigosa para os fascistas porque é bela e tudo o que é grande e belo desmascara a espantosa fealdade moral do fascismo. E' perigosa para os partidários hitlerianos porque intervem hoje, com toda a humanidade progressista, na grande luta contra a peste parda. Nossa Arte é odiosa ao Hitler e aos Goebbels porque soube cantar as melhores qualidades dos povos eslavos: sua valentia desinteressada, sua abnegação em nome dos mais altos ideais e seu amor ardente pela pátria.

Nossa pátria, todos os povos eslavos, leva a cabo uma luta feroz contra o inimigo mais perigoso que nunca encontrará em seu caminho a felicidade humana. Nesta luta mortal, todos os eslavos se reuniram em torno de nosso povo.

Pois bem, que todas as forças culturais, os intelectuais, os homens de ciência, de técnica e de arte da familia preclara dos povos eslavos, cumpram sem temor com o seu dever, que é a alta missão que a história lhes incumbiu.

NOTAS

TRINAS FOX

Depois de uma grande ausência entrecortada de máus boatos, aparece no Brasil, de volta, com a admiração e a alegria dos velhos amigos, um artista que no desenho conquistára real destaque pela originalidade de suas realizações cubistas que chegaram a ter continuadores. Trinas Fox, esse grande emotivo, rico em ternuras e fabuloso contador de histórias da vida, apresenta agora uma mensagem plástica digna do mais vivo interesse. Lá estão nos seus gouaches envernizados e nos seus nanquins um documentário das mais tradicionais expressões populares de alguns de nossos vizinhos do Continente. Com uma nota de exatidão raramente conseguida, o nosso artista sentiu bem a côr local e humana com os detalhes mais convincentes de um ambiente bem regional. Existem em quase todos os seus trabalhos uma felicidade de composição a par de uma beleza na dominancia de suas linhas geométricas.

Depois da Exposição do Museu Nacional de Belas Artes, Trinas Fox vai iniciar um roteiro para o Norte do País para em seguida expor no México e nos Estados Unidos.

UBI BAVA E CESCHIATTI

Em vésperas de viajar para a Europa, Ceschiatti, o Premio de Viagem de 1945, está expondo, os seus trabalhos no Salão do Instituto de Arquitetos juntamente com um Pintor, dos mais promissores entre os novos, e tambem premiado com Medalha de Prata no mesmo Salão. Os trabalhos do escultor e do pintor formam um conjunto agradavel na simpática sala da Cinelandia.

Ceschiatti é um escultor que tem evoluido nos últimos tempos mas que ainda apresenta, como realização das mais notaveis, os baixos relevos da Pampulha. São na verdade dignos da maior admiração esses baixos relevos que atingem a um lirismo enternecedor, a uma beleza de atitudes que marcam a força do artista.

Ubi Bava, tambem se recomenda muito pelos quadros já expostos no salão, alem de outros que revelam o seu valor de artista plastico. Segurança de "metier" é uma das suas caracteristicas e os seus peixes comprovam o domínio da composição e o sentimento da cor. O retrato de Ceschiatti é um dos seus melhores trabalhos.

CENSURA CONTRA O TEATRO

A já famosa peça de Nelson Rodrigues, "Album de Familia" está sendo editada e aparecerá em breve figurando entre os livros programados pelas "Edições do Povo Limitada". No mesmo volume será incluida, já em segunda edição, outra notavel peça do mesmo autor e que foi o maior sucesso dos Comediantes "Vestido de Noiva".

Assim o trabalho que o grande público não conseguiu assistir representado estará ao seu alcance dentro de muito pouco tempo.

LUIZ SOARES

Patrocinada pela ABAPE está sendo anunciada mais uma exposição do pintor pernambucano Luiz Soares. O artista mostrará assim, ao público carioca uma grande coleção dos seus últimos trabalhos. A pintura de Luiz Soares tem um carater genuinamente popular e encanta pela sua originalidade e pela riqueza de côres que exprimem bem o ambiente garrido dos seus motivos folclóricos.

PICASSO E MATISSE, NO JURI — UMA VIAGEM A PARIS PARA O PREMIADO

Já está constituido o juri para este concurso, ao qual os artistas brasileiros estão afluindo em número que excede todas as espectativas.

Nele figuram artistas de renome universal, como Picasso, Matisse, o célebre cartazista Paul Colin, e o crítico de arte Raymond Cogniat. O Secretariado de Informação de Paris acaba de participar as suas Delegações na América do Sul — o "Serviço Francês de Informação", entre nós — que foi prorrogado o prazo para a apresentação dos projetos, nas dimensões de 60cm x 80cm., para 15 de junho próximo, como termo improrrogavel dando assim oportunidade ao mundo artístico sulamericano para uma representação o mais completa possivel neste grandioso concurso de arte. Resolveu mais o Secretariado de Informação de Paris conceder ao primeiro premiado, alem da quantia de 15.000 francos, fixada anteriormente, uma viagem a Paris, por via marítima com uma estadia mínima de 15 dias na capital da França, prazo este que pode ser aumentado porque dependerá da data de partida do navio de regresso à América.

Alem da viagem à França e dos 15.000 francos de Paris, haverá como foi anunciado anteriormente um premio de Cr$ 5.000,00 para o artista brasileiro que conseguir dar o triunfo ao Brasil neste concurso, que é extensivo a todos os artistas da América do Sul.

As restantes condições do concurso estão à disposição dos interessados no Instituto de Arquitetos do Brasil, Praça Marechal Floriano, 7, no Rio de Janeiro, e na Sucursal do "Serviço Francês de Informação", em São Paulo, Rua Marconi, 131 para onde deverão ser remetidos os projetos.

ENCONTRO...

(Continuação da pág. 22)

ricanos, lutamos lado a lado para abolir a escravidão nazista, e que podem ajudar a criar uma nova espécie de escravidão, qualquer que seja o seu nome. Theodore Dreiser, o nosso amigo Theodore Dreiser, sabia que algo mudara no mundo, no mundo em que as realidades nacionais, tão diversas como as côres de um prisma, se juntam para formar uma única luz branca, cujo inimigo é a sombra. Os homens da sombra assemelham-se estranhamente uns aos outros, em Nova York ou em Paris.

Theodore Dreiser escolheu o caminho e o partido da luz.